

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



ACÇÃO TEATRAL ARTIMANHA - ATA
OFICINA DE EMOÇÕES

DISSERTAÇÃO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM TEATRO E COMUNIDADE

Ana Guerreiro

Amadora Outubro 2019

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

ACÇÃO TEATRAL ARTIMANHA - ATA

OFICINA DE EMOÇÕES

Ana Guerreiro

Dissertação submetida à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Teatro e Comunidade realizada sob a orientação científica de Professor Doutor Armando Nascimento Rosa (ESTC/ IPL) e co-orientação do Professor Doutor Paulo Raposo (ISCTE-IUL)

Amadora Outubro 2019

VOU AO TEATRO

VER O MUNDO

Jean-Pierre Sarrazac

NOTA: este trabalho não obedece às normas do Acordo Ortográfico

Agradecimentos

Não teria sido possível chegar aqui, sem o precioso contributo de pessoas que se tornaram imprescindíveis à concretização desta Dissertação e a quem é necessário deixar umas palavras de gratidão.

O meu primeiro agradecimento vai, como não podia deixar de ser, para a Acção Teatral Artimanha - ATA, porque sem esta Associação Teatral não teria sido possível fazer este estudo mas, sobretudo, não teria sido possível “Ir ao Teatro Ver o Mundo”.

À minha família, em especial ao Rui, meu marido, pois sem ele talvez eu nunca tivesse feito parte do grupo de teatro ATA; aos meus amigos, a todos os que me incentivaram a estudar, a investigar, a aprofundar o Conhecimento - a todos, muito grata pelo vosso incentivo!

Agradeço também à minha amiga Helena Subtil que tão prontamente se ofereceu para fazer a revisão de texto e que o fez em tempo recorde.

O meu muito obrigada à Professora Doutora Rita Vengorovius pela disponibilidade que sempre manifestou para comigo em todas as dúvidas e questões que lhe coloquei e por todas as sugestões e ajuda que dela recebi.

À Doutora Luisa Marques pelo esclarecimento de todas as dúvidas relacionadas com procedimentos referentes ao Mestrado e sobretudo assuntos relacionados com Bibliografia.

Por fim, e porque sem o seu valiosíssimo contributo esta dissertação nunca teria tomado este rumo, agradeço reconhecidamente aos meus orientadores, Professor Doutor Armando Nascimneto Rosa e Professor Doutor Paulo Raposo pela forma como me orientaram e toda a ajuda e disponibilidade que deles recebi.

Resumo

Este estudo tem como objectivo analisar e dar a conhecer as práticas, valores e pessoas que constituem a Acção Teatral Artimanha - ATA, grupo de teatro de amadores localizado em Pinhal Novo, concelho de Palmela. Falar e contar a sua história de trinta e seis anos de teatro, a sua interacção com a comunidade e também a importância que exerce na formação pessoal e social dos indivíduos que pertencem à associação ao proporcionar-lhes uma série de aprendizagens específicas, nomeadamente no campo da criatividade, dos valores humanos e no sentimento de pertença.

Palavras-chave- Ata, Teatro, Comunidade, Partilha, Pertença

Abstract

This study aims to analyze and make known the practices, values and people that constitute the Acção Teatral Artimanha - ATA, an amateur theater group located in Pinhal Novo, county of Palmela. Talk and tell its story of thirty-six years of theater, its interaction with the community and also the importance it has on the personal and social formation of individuals belonging to the association by providing them with a range of specific learning, particularly in the field of creativity, human values and a sense of belonging.

Keywords: Ata, Theater, Community, Sharing, Belonging

Índice geral

Agradecimentos	4
Resumo e Abstract	5
Introdução	7
I - ATA – Acção Teatral Artimanha: o início	14
1.1. Contexto Sociocultural	15
1.2. Era uma vez ... ATA.	17
1.3. Ocupar o território. O que move estas pessoas	22
II - O percurso do caminheiro: estabelecer pontes	26
2.1 Os mestres : encenadores e autores	28
2.2 As produções	33
2.3 Parcerias	42
2.4 Pedagogias Culturais	49
2.4.1 AtaBrinca	51
2.4.2 Caramelas Voadoras	53
2.4.3 AtaDança	54
III - A identidade do “cidadão” artimanha	56
3.1 O Teatro e a comunidade	58
Conclusão	62
Bibliografia	66
Anexos	70

INTRODUÇÃO

Problema

Já na infância, ainda sem nos darmos conta, a paixão que nutrimos pelas artes estava muito presente em nós. Tendo nascido numa aldeia de Trás-os-Montes, sem acesso a qualquer prática e ou hipótese artística, era com uma alegria imensa e completamente cheios de espanto que assistíamos aos *esterlóquios*¹ que, pelo menos uma vez por ano visitavam Lagoa, a aldeia natal. Quando chegavam rapidamente a notícia se espalhava por toda a aldeia. Instalavam-se no largo em frente ao café, colocavam uns bancos em círculo, e toda a gente ia, à noite ver o *esterlóquio*. Para nós era assim como o prémio dos prémios maiores. Todos os *garotos* ficavam extasiados perante aquelas magias que os artistas faziam! Como era possível, pensávamos, que tirassem pombos da cartola, flores da orelha, fitas muito grandes e com muitas cores da boca...!! E os palhaços? Havia sempre o palhaço rico e o palhaço pobre. A garotada aplaudia, e queria sempre mais. Depois vinha o número dos equilibristas com os pratos. Ah! Espanto geral, como é que eles conseguiam? No intervalo, passavam o chapéu para as pessoas contribuírem e era tão triste ver alguns espectadores afastarem-se e não contribuírem com ao menos uns trocos... Aquelas pessoas viviam da sua Arte, indo de terra em terra apresentar o seu espectáculo.

Mais tarde com 19 anos de idade, já estudante em Bragança - capital do Distrito, temos a primeira experiência no teatro. Frequentamos um curso de teatro integrado na ocupação dos tempos livres para jovens, promovido pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis - FAOJ, o equivalente ao Instituto da Juventude dos dias de hoje. O contacto com as técnicas e práticas teatrais, produziu efeitos e fez-nos ficar a amar o teatro. Foi aí que soubemos que o teatro estaria sempre presente na nossa vida. Depois, e já na “cidade grande” - Lisboa, “viciamo-nos” e tornamo-nos “consumidores” ativos desta Arte Maior. É na “cidade grande” que conhecemos a pessoa que estará presente na nossa vida até aos dias de hoje e a transformará para sempre. Fazendo parte integrante de um grupo de teatro de amadores, a

¹ *Esterlóquios* era o termo pelo qual os habitantes das aldeias do concelho de Macedo de Cavaleiros designavam os circos ambulantes.

Acção Teatral Artimanha – ATA, em Pinhal Novo, é essa pessoa quem nos convida a ser elemento activo do grupo.

Fazer teatro, passou a ser para nós uma actividade extra, um *hobby*, que permitiu entre muitas coisas, transformar-nos em melhores espectadores, e sobretudo proporcionou-nos a grata experiência de uma série de práticas e jogos que no teatro se fazem, que nos dão confiança, que ajudam a conhecermo-nos e a saber enfrentar os medos e receios em palco, que veio depois a repercutir-se na vida quotidiana, na sociedade e no local de trabalho. Foi possível voltarmos a ser crianças e a jogar/brincar sem ter receios. Eugenio Barba diz que “Meyerhold só contratava um ator quando reconhecia no adulto o adolescente que tinha sido. Perder a adolescência significa perder os sonhos e a rebeldia” (Barba, 1991, p.99).

Ao utilizarmos a técnica e fazermos os jogos teatrais de Viola Spolin, foi possível que através dos seus jogos de regras conseguíssemos criar uma estrutura para a improvisação, em que o actor/jogador passa a ser o sujeito da sua educação. A prática destes jogos permite ao actor/jogador que quando se entrega sem pensar e se está completamente disponível e receptivo para jogar, as coisas acontecem. E acontecem mesmo! As Artes em geral proporcionam esta torrente de emoções e experiências que permite aos indivíduos ter uma visão mais crítica e esclarecida acerca do mundo em que vivem.

Sendo o Teatro um instrumento de cultura, ele irá permitir estabelecer entre gerações um vínculo de união entre o passado e o futuro.

Foi neste contexto que definimos o problema que nos iria permitir implementar o presente estudo:

- Pode o Teatro alterar a vida de uma comunidade?
- Frequentar as atividades propostas pelo Grupo de Teatro pode motivar crianças e jovens a serem adultos mais conscientes?

Hipóteses em investigação

Consideramos e acreditamos ser possível a mudança de atitudes numa comunidade através da Arte, nomeadamente do teatro, porque através do teatro contam-se histórias de

vida, reavivam-se tradições, relembram-se memórias, colocam-se questões, por vezes incômodas, encontram-se e transformam-se pessoas, transmite-se saber. “Como na história da ciência, também na história da arte e do teatro, o essencial se esconde sob o desenvolvimento do método, sob as tentativas pedagógicas e a transmissão do saber” (Barba, 1991, p.22).

Estamos cientes que pertencer a um grupo de teatro, onde há regras e métodos definidos, jogos teatrais que ajudam as crianças e jovens e lhes inculcam mais confiança e segurança, é muito motivante e certamente contribuirá para que eles se tornem adultos mais conscientes e esclarecidos, mais activos e participativos e, essencialmente, em públicos mais exigentes no que às Artes diz respeito. “O jogo confere ao aluno um papel ativo na construção dos novos conhecimentos, pois (...) permite que o aluno aprenda o fazer, o relacionar, o constatar, o comparar, o construir e o questionar” (Silva, 2011). Pertencer a um grupo e “[s]eguir as normas do grupo provoca um sentimento de pertença, de domínio da situação e do controlo da incerteza – isto é, faz-nos sentir ligados aos outros, mais seguros e confiantes” (Lima, 2018, p.58).

Objectivos

- Dar a conhecer o percurso do grupo de teatro Ação Teatral Artimanha - ATA;
- Evocar a resiliência das pessoas do grupo de teatro Ação Teatral Artimanha – ATA ao longo destes 36 anos de existência do grupo;
- Pensar a relação de Teatro e Comunidade.

A Importância do Estudo

Interessámo-nos pelo estudo do Teatro e Comunidade através da Acção Teatral Artimanha – ATA, não só pela razão que já tivemos oportunidade de expor na Definição do Problema, mas também porque reiteramos a opinião de estudiosos como Augusto Boal, Bertolt Brecht, Carlos G.Castellano e Paulo Raposo, Eric Hobsbawm, Erving Goffman, Eugénia Vasques, Eugenio Barba , François Matarasso, Jean-Pierre Sarrazac, Marcela Bidegain, Marcia Pompeu, Maria L.P. de Lima, Michel Foucault, Paulo Freire, Peter Brook, Rita Wengorovius,

Roger Sansi entre muitos outros como indica a bibliografia referenciada e também trabalhos académicos, cujos temas tenham de alguma forma que ver com o Teatro e a Comunidade.

Acreditamos que as actividades da Acção Teatral Artimanha – ATA podem motivar e ajudar as crianças e os jovens no desenvolvimento dos saberes e competências ao nível do conhecimento e da criatividade, e que na opinião de Bernet (2004) o teatro tem um papel importante na formação pessoal e social dos indivíduos, na medida em que lhes faculta não só aprendizagens de competências específicas, mas também criatividade e valores humanos. O trabalho e prática ao nível da sensibilidade e interpretação de textos de uma forma lúdica, são práticas muito presentes no grupo.

Como demonstramos no nosso enquadramento teórico *Era uma vez ...ATA*, a frequência em grupos de teatro é facilitadora para o desenvolvimento de valores humanos devido a práticas de participação activa e interacção com a comunidade. Acreditamos que pertencer a um grupo transmite um sentimento de pertença e autoconfiança que permite aos indivíduos uma maior e melhor sociabilidade.

Ser membro de um grupo faz sentirmo-nos ligados, parte de um espaço em que se partilham memórias e valores; sentimos que pertencemos ao grupo e que somos parte dele. Estar num grupo é isso e traz-nos felicidade. A investigação tem mostrado que as pessoas mais bem integradas em grupos se sentem mais felizes e têm maiores níveis de autoestima. Learvy e Baumeister (2000) (citados em Lima, 2018, p.51).

Foi neste sentido que nos propusemos observar e participar nas actividades artísticas da Acção Teatral Artimanha – ATA, registando-as e recorrendo a vários materiais: fotografias, notícias de imprensa, entrevistas/conversas semi-directivas.

“Se a arte é um ato de construção e partilha de sentido, definindo, assim, a experiência humana, torna-se então óbvio que ela seja, ou deva ser, acessível a todos” (Matarasso, 2019, pp. 46-47).

Só desempenhando os papeis e mostrando com entusiasmo que gostamos de o fazer, é que conseguimos ‘contagiar’ crianças e jovens para o acto da representação teatral. O entusiasmo é contagiante. O Professor Carlos Pessoa diz que fazer teatro é gostar de pessoas, e nós na Acção Teatral Artimanha – ATA gostamos muito de pessoas, de as ouvir, de as

observar, de partilhar todo um entusiasmo genuíno, de contribuir para o espanto que os jovens e as crianças sentem quando participam nas actividades,

Fazer Teatro é gostar de pessoas; das suas máscaras que é como quem diz, das suas dificuldades em serem pessoas; (...) ao contrário do que se diz não creio ser da discussão que nasce a luz, mas da escuta, da solidão e desse gosto abnegado pelas pessoas; o Teatro não traz no bico soluções para os paradoxos e dificuldades infindas que acarretam as relações das pessoas umas com as outras; o Teatro coloca pessoas em palco a serem pessoas e a desejarem compreenderem um pouco melhor o fenómeno; uma grande actriz é uma cientista social extraordinária o que não há é muita gente a dar por isso (Pessoa, 2009).

O lastro histórico da Acção Teatral Artimanha, pensamos ser um bom exemplo para se pensar a relação de quem estuda Teatro e Comunidade, para futuras leituras de Teatro de Amadores, de Comunidade e na Comunidade. O teatro Artimanha é um grupo relevante para se entender este trabalho como transformador e de resiliência.

Metodologias utilizadas

Após a definição do Problema e dos Objectivos, e as possíveis hipóteses em estudo procedeu-se ao enquadramento histórico da Acção Teatral Artimanha - ATA com recurso teórico a vários autores, fundamentando assim os subtítulos por nós escolhidos:

Contexto Sociocultural; Era uma vez... Ata; Ocupar o território: O que move estas pessoas; Os mestres: Encenadores e autores; Produções; Parcerias; Pedagogias Culturais: AtaBrinca, Caramelas Voadoras, AtaDança, Yoga; Testemunhos da comunidade; O teatro e a comunidade.

A aplicação do estudo teve o seu início no mês de Abril de 2019 com as entrevistas e a participação activa no grupo, a consulta e recolha de materiais de interesse nos arquivos da Biblioteca Municipal de Pinhal Novo e Palmela, o acervo da Acção Teatral Artimanha – ATA.

As entrevistas, dividem-se em dois modelos distintos: entrevistas com foto-elicitación, e entrevistas semidirectivas. O método de entrevistas com foto-elicitación, que segundo Harper (2002) se baseia na simples ideia de inserir fotografias na pesquisa com entrevistas, permite

um grau de proximidade com os objectos e estimula a memória. A visibilidade das fotografias, permite ao entrevistado, de uma forma natural, a identificação do conteúdo da fotografia, demonstrando um conhecimento na primeira pessoa de todo o conteúdo do objecto em questão: a fotografia que visualiza.

Usamos este modelo com os indivíduos que fizeram e fazem parte da ATA, uma vez que as fotos usadas estão relacionadas com as vivências durante os ensaios, representações ou outras actividades do grupo. O objectivo com este modelo de entrevista é darmos a conhecer e identificar a identidade do grupo e o que a ATA enquanto formador e fazedor de teatro representou e representa na vida destes indivíduos e qual o papel que desempenhou e desempenha na sua formação pessoal e social, no seu 'eu' enquanto indivíduo.

O modelo de entrevistas semidirectivas foi usado com todos os outros entrevistados, as entidades autárquicas locais: presidente da Câmara Municipal de Palmela (CMP), que foi um dos fundadores da ATA; responsáveis da divisão cultural da CMP e Junta de Freguesia do Pinhal Novo, amigos do grupo e professores da Escola Secundária. Sabermos o que pensa a comunidade educativa acerca da ATA, e qual a influência que tem, a nível escolar, os jovens serem elementos activos de uma associação que se dedica às artes: teatro e música. Saber o que pensa e o que faz 'o poder' em prol da cultura local, nomeadamente no que ao teatro diz respeito. O que representa, aos olhos desse 'poder', existir um grupo de teatro há 36 anos, (o mais antigo do concelho) e sempre no activo, que para além de mais de uma centena de indivíduos que já passaram pela ATA, onde a grande maioria tomou contacto com o teatro pela primeira vez, tem também há cerca de nove anos uma classe infantil (6 aos 12 anos) e uma juvenil (13 aos 17 anos), a quem dá formação em teatro e dança, substituindo-se em grande parte às escolas, proporcionando-lhes assim uma aprendizagem que deve ser analisada num campo educativo não-formal.

O estudo teve como instrumentos de análise entrevistas audio, realizadas com dois modelos distintos: foto-elicitación e semidirectivo, que posteriormente foram transcritas e que constam dos Anexos.

Estrutura do trabalho

Esta dissertação encontra-se estruturada em três capítulos, designadamente:

I - Acção Teatral Artimanha – ATA: o início

II - O Percurso do Caminheiro: estabelecer pontes

III - A Identidade do ‘Cidadão’ Artimanha

No capítulo I - falamos do início da Acção Teatral Artimanha, de como um grupo de jovens em 1982 sentiu que tinha de se organizar e criar um grupo de teatro com estrutura legal em Pinhal Novo. Contamos a sua história, e damos a conhecer o seu contexto sociocultural.

No capítulo II- abordamos algumas das produções mais relevantes que o grupo fez, e desenvolvemos a importância do grupo nas pedagogias culturais praticadas nas classes infantis e adolescentes

No capítulo III - Conhecemos a identidade do grupo, ouvimos a comunidade e contextualizamos o Teatro e Comunidade.

I – ACÇÃO TEATRAL ARTIMANHA - ATA: O início

O grupo de teatro Acção Teatral Artimanha – ATA existe oficialmente como associação desde 1983. Foi criada a 28 de Junho, conforme escritura pública do livro nº169-C do 1º Cartório Nacional de Setúbal com publicação no Diário da República III Série – nº235 de 12-10-1983. No passado dia 28 de Junho, comemorou 36 anos de existência.

Um grupo de jovens todos moradores em Pinhal Novo, três dos quais tinham feito um curso de Aperfeiçoamento Técnico de Teatro de Amadores patrocinado pela Secretaria de Estado da Cultura, na cidade de Setúbal, a que se juntam outros amigos, com interesse e gosto pela Arte da representação, pela música e pela técnica, som e luz, organizam-se e criam o grupo dedicado a esta Arte Maior. É o primeiro grupo de teatro que nasce no Pinhal Novo como associação e que preenche todos os requisitos legais: escritura e estatutos.

O que leva estes indivíduos a criar um grupo de teatro? Em 1982, não havia qualquer grupo dedicado à representação teatral no Pinhal Novo, havia portanto espaço para que um grupo de jovens, amantes das Artes e do teatro em particular, e cheios de vontade de partilhar essa paixão com a comunidade onde residiam, fizesse com que se unissem e formassem um grupo para esse fim. Como referência Salgado na sua Tese de Doutoramento sobre o CITAC, grupo de teatro universitário de Coimbra,

(...) a participação num grupo onde operam mensagens transgressivas por via de transcrições ocultas contribui para um sentido de comunidade, um espírito de pertença e de inclusão, ao traduzir autonomia com segurança e laços de solidariedade, consubstanciando a força do colectivo [reforçado pela repetição do efeito produzido pela *communitas* que se vive em cada produção teatral]. Prontamente se percebe esse espaço do teatro num grupo de jovens que forma uma comunidade de práticas auto-gerida, onde se aprende a ser colectivo (Salgado, 2011, p.330).

Salientamos que Pinhal Novo sempre foi, uma terra onde as coisas acontecem por vontade e crer da população. Nesta localidade as pessoas juntam-se e naturalmente as Associações nascem. Existe ali um verdadeiro e genuíno prazer e um território propício para a partilha de valores no que ao associativismo concerne. “Participar em coletividades constroi um sentimento de ligação aos outros que também está ligado à satisfação com a vida” (Lima, 2018, p.73).

1.1 Contexto sociocultural

Pinhal Novo, com uma população de 28.000 habitantes, tem como principais actividades económicas a agricultura, construção civil, panificação, vitivinicultura, comércio e serviços. O primeiro acto público verdadeiramente importante para a vida da localidade aconteceu a 18 de Julho de 1872. Foi uma doação de José Maria dos Santos², à população de Pinhal Novo de um terreno para a construção de uma capela e para a realização dos festejos. Em 1896 é inaugurada a Sociedade Filarmónica União Agrícola (SFUA) e em 1910 dá-se a criação do União Clube Pinhalnovense, a 1 de Julho é criado o primeiro grupo de teatro com o nome de Grupo Dramático 1º de Julho. Em 1911 a localidade contava apenas com 263 habitantes. Em 1928, pelo Decreto-Lei n.º 15 004 de 7 de Fevereiro, foi criada a freguesia de Pinhal Novo. Em 1939 fica pronta a nova estação de caminho de ferro de Pinhal Novo. Um documento fundamental para a história da evolução do povoamento da região é, ainda hoje, a comunicação apresentada pelo geógrafo Orlando Ribeiro e Ribeiro Lisboa, em 1949 ao XVI Congresso Internacional de Geografia de Lisboa e reeditado pela Junta de Freguesia, em 1998 na colecção *Origens e Destinos*, onde esta zona onde se situa Pinhal Novo actual, é identificada como sendo uma terra em que os solos são demasiados improdutivos, excepto para a cultura da vinha e do olival e as várias transformações que sofreu com a plantação de novas culturas. A primeira escola primária de Pinhal Novo é inaugurada em 1950 em simultâneo com o posto da Guarda Nacional Republicana e o Mercado Agrícola: a “Praça”. Os Bombeiros Voluntários surgem no ano de 1951. A população, inicialmente escassa, foi sofrendo acréscimos com a vinda dos “caramelos” da Beira Litoral e do Vale do Mondego, os “ratinhos” da Beira e outros vindos do Alentejo. Após o 25 de abril de 1974, com a subsequente consolidação do poder local, Pinhal Novo conheceu importantes melhoramentos que contribuíram, efetivamente, para a melhoria das condições de vida da população pinhalnovense. Pinhal Novo foi elevado à categoria de Vila a 11 de março de 1988. (c.f. Junta de Freguesia de Pinhal Novo, 2018).

² José Maria dos Santos (1831-1913). Fez parte em 1860 da Direção da Associação Central da Agricultura Portuguesa. Foi deputado às cortes aos 37 anos e em Junho de 1887 assinava as contas de Gerência da Comissão Administrativa da Câmara dos Senhores Deputados juntamente com Joaquim Pedro de Oliveira Martins. Foi o primeiro Vice-Presidente da Assistência Nacional aos Tuberculosos, foi deputado e Par do Reino, desempenhou inúmeros cargos e foi fundador de várias associações. Revolucionou a agricultura em Portugal e foi o responsável pela introdução no país do adubo químico.

A vila de Pinhal Novo fica situada a 40 km a sul de Lisboa e pertence ao concelho de Palmela. Actualmente, e muito devido à rede de transportes existentes (comboio CP Setúbal/Barreiro c/ acesso ao barco no Barreiro para Lisboa; Comboio Fertagus Setúbal/Lisboa e autocarro Palmela/Lisboa), Pinhal Novo é cada vez mais uma localidade com muitas pessoas a trabalhar em Lisboa e zonas limítrofes, serve portanto de ‘dormitório’ durante a semana para estas pessoas que trabalham em Lisboa e áreas circundantes.

É uma vila com uma forte participação associativa. Nesta localidade desde o desporto, à música, à dança, ao teatro e tantas outras, é possível pertencer e fazer algo a bem da saúde e da mente. Pensamos que pertencer a um grupo nos dá identidade, talvez seja um dos motivos para haver tantas associações, colectividades e grupos nesta localidade.

Pinhal Novo é uma localidade recente, como já afirmamos, e foi inicialmente habitado por gentes vindas das Beira, a que apelidaram de ‘ratinhos’, e por gentes vindas da Beira Litoral e Baixo Mondego a quem chamaram ‘caramelos’, também do Alentejo e do Algarve, que para aqui vieram trabalhar e alguns por aqui ficaram. Os ‘caramelos’ em tempos passados recentes, era uma designação depreciativa, usada para designar as pessoas do campo, rudes e sem instrução. Actualmente usa-se este termo com orgulho e exibe-se como sentimento de pertença.

Para Fukuyama (2018, pp. 27-28) “A identidade nasce, em primeiro lugar, da distinção entre o nosso eu interior e um mundo exterior de regras e normas sociais que não reconhecem adequadamente o valor ou a dignidade do nosso eu interior”. A identidade pode ser entendida como uma resposta para algo exterior e diferente dela. Para Foucault (1978), a identidade é socialmente construída. A identidade define-se não só em termos relacionais, o ‘eu’ com ou contra o ‘outro’, mas inspirada pelo próprio grupo, que pretende identificar-se consigo mesmo. Dos mais novos aos mais velhos, a expressão ‘caramelo’ passou a fazer parte da identidade destas gentes. Num curto espaço de tempo, menos de duas décadas, foi como uma explosão, e quem por ventura sentia alguma relutância em aderir a esta identidade socialmente construída, deixou de a ter, porque, muito devido às Festas Populares, e ao êxito que foi o renascimento/redescoberta da Sopa Caramela³, os pinhalnovenses deixaram-se contagiar e

³ Receita da Sopa Caramela: **Ingredientes:** Feijão cozido (catarino, manteiga ou vermelho); Chouriço de carne; Farinheira; Chouriço de sangue (ou mouro); Carnes magras de porco (perna, entrecosto...); Carnes gordas de porco (orelha, chispe, cabeça, entremeada...); Cebola e alho; Cenoura; Nabo; Batata; Couve repolho; Hortelã; Massa cotovelinhos. **Preparação:** Demolhe e coza o feijão e reserve. Coza as carnes em água com sal, uma cebola e alguns dentes de alho com casca. Retire as carnes quando cozidas; coza no caldo a farinheira e o

adotar pela expressão ‘caramelos’ e tudo o que acham que ela envolve. Encontraram um elemento comum com o qual se sentem identificados. Desde a confraria da ‘Sopa Caramela’, a tal sopa que faz com que estas gentes a ergam quase como bandeira identitária, ao Mercado Caramelo que se realiza em Maio, e onde a sopa caramela é a rainha, e todas as pessoas se vestem ‘à moda caramela’, trajes muitos semelhantes aos dos ranchos folclóricos, a designação ‘caramelo’ tornou-se para as gentes de Pinhal Novo numa identidade colectiva, onde todos se reveêm e reconhecem.

Também a Acção teatral Artimanha – ATA não ficou imune a esta ‘avalanche identitária’. Quando o grupo dos jovens (13-17 anos) quis ter um nome próprio, o escolhido foi: ‘Caramelas Voadoras’, o que prova, em nossa opinião que os perfis de identidade se constroem com base nas fórmulas estabelecidas pela sociedade, e não apenas pelas escolhas individuais.

O grupo de teatro ATA é constituído na sua grande maioria por elementos do sexo feminino com idades compreendidas entre os 7 anos e os 65 anos. A maioria dos elementos são estudantes e quase todos os outros trabalham, com excepção de dois que já estão reformados e um que está desempregado. A grande maioria dos adultos é licenciado, havendo um elemento que possui o doutoramento. A gestão da associação é assegurada pela direcção não invalidando que todos os elementos do grupo possam participar e propor iniciativas se assim o entenderem. A direcção é composta por: presidente, vice presidente, tesoureiro, secretário e vogal, e ainda, conforme os estatutos, o conselho fiscal que é constituído por: presidente, secretário e relator e a assembleia geral que é constituída por presidente vice presidente e secretário. Estes órgãos directivos são eleitos de dois em dois anos pelos sócios do grupo.

1.2 Era uma vez ... ATA

chouriço de sangue retire quando cozidas. Coza no caldo por esta ordem, cenouras, nabos, batatas, couve repolho e por fim a massa, o feijão e um ramo de hortelã. Desfie as carnes grosseiramente, corte os enchidos e sirva a sopa com as carnes e enchidos por cima.

Por todo o conhecimento e vivências que temos de Pinhal Novo, é nossa convicção que nesta localidade há sempre espaço para que as coisas aconteçam. Por muito que pensemos que todos os espaços estão preenchidos, é sempre possível fazer acontecer.

Era uma vez um grupo de jovens que em 1982 decidiu organizar-se e criar uma associação para fazer teatro, porque havia todo um espaço propício e todo um terreno a ser preenchido no campo das artes performativas. Quatro jovens Rui Guerreiro, Elias Mourinha, Conceição Carrilho e José João, frequentaram em Setúbal o Curso de Aperfeiçoamento Técnico de Teatro de Amadores patrocinado pela Secretaria de Estado da Cultura, ministrado por Seme Lufti ⁴ (Seme Lufti teatro/artes visuais. (2019), supervisionado por Alexandre Sousa à época actor no TAS (Teatro Animação de Setúbal).

Quando esta formação terminou, três destes indivíduos (Conceição, Elias e Rui), resolvem colocar em prática o saber adquirido no curso, e formam um grupo de teatro em Pinhal Novo na Sociedade Filarmónica União Agrícola⁵. A eles junta-se o Francisco Mourinha e o Carlos Silva, que tinham pertencido ao GATS (Grupo de Acção Teatral da SFUA) criado em 1977, o João Filipe e a Fernanda Martins com alguma experiência de teatro adquirida na revista do Clube Desportivo Pinhalnovenço, o José Santana (Balsinha) para a técnica, e os músicos Álvaro Amaro, Lindolfo Paiva e Fernando Vitória que tocavam guitarra, cavaquinho e percussões.

Com direcção de Elias Mourinha estreiam em 1982 a peça de Sérgio Godinho *Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles*, e representam-na em todos os locais do concelho de Palmela, já com o apoio do Município (Câmara Municipal de Palmela) ao nível dos transportes e deslocações.

Procurando autonomia e gestão de recursos, este grupo de indivíduos, a que se juntam Jorge Pimentel e Maria José Ferro, desvincula-se da SFUA e passa a ter um espaço no auditório da Coopinhal (Cooperativa de Consumo Popular Pinhalnovenço). Legaliza-se como associação em 28 de Junho de 1983 como Acção Teatral Artimanha - ATA.

Este grupo de jovens não ficou à espera, não acreditaram que não seriam capazes porque não tinham formação adequada, e que o melhor era deixar para quem estivesse habilitado e percebesse do assunto. Não se limitaram a ser consumidores culturais, bem pelo

⁴ Encenador e actor no Teatro Oficina de S.Paulo – Brasil

⁵ SFUA – Sociedade Filarmónica União Agrícola fundada em 1896

contário, passaram a ser artistas, a fazer acontecer Arte e a partilhá-la com a comunidade em que estavam inseridos.

Pensamos que o fazer acontecer algo, contribuir para a criação de um projecto, obectivo que acaba por se concretizar, sobretudo numa área com a qual se está identificado é tremendamente gratificante. Como Augusto Boal nos diz: “Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados.” (Boal, 2009, p.19). De realçar que é isto que a Acção Teatral Artimanha tem feito ao longo da sua existência, porque foi para produzir e fazer arte, e transformar essa arte em actos sociais concretos e com continuidade, que estes 13 jovens em 1982 formaram um grupo de teatro que resiste e segue esses princípios até hoje.

Quando em 1983 se legaliza como associação, o grupo passa a ter o seu espaço na Coopinhal, que para lá das suas instalações serem uma cooperativa de consumo, tinham no primeiro andar um auditório e algumas salas pequenas, que permitia a algumas associações do Pinhal Novo como por exemplo o grupo Coral, o jornal Linha do Sul, as Marchas Polulares, os Bardoada, ter uma sala/auditório comum para ensaiar e uma sala própria de apoio.

A sala/auditório era gerida pelas associações de forma a que os dias de ensaio não colidissem. De 1983 a 2009 a Coopinhal foi a casa da Acção Teatral Artimanha. Em 2007, é cedido pela Câmara Municipal de Palmela uma sala/escritório, nas antigas instalações da GNR, para o grupo poder ter um espaço próprio de ensaio. O espaço é demasiado pequeno e não há possibilidades de fazer lá os ensaios.

Os CTT que estavam instalados num edifício municipal, com a inauguração do novo mercado ‘praça’ da vila, mudam-se para um espaço dentro do mercado e construído a pensar neles. As instalações ficam vazias, e o grupo solicita à C.M.P. que lhe ceda esse espaço. Houve por parte da Câmara muita resistência em ceder o espaço. Foram apresentadas várias razões para que isso não fosse possível, entre elas, a de maior relevância, foi alegarem que o edifício estava em risco, e não oferecia condições seguras para poder albergar quem quer que fosse. Em reuniões havidas com os responsáveis pelo pelouro da cultura, a Acção Teatral Artimanha comprometeu-se a assumir esse risco, uma vez que não temia pela segurança do edifício, e com o grupo poderia ocupar o espaço; todas essas eventuais dúvidas se desvaneceriam, pois o grupo trataria de fazer a manutenção do espaço e inclusivamente

melhorá-lo. Foi lembrado que o grupo não tinha espaço para ensaiar, uma vez que o auditório da Coopinhal já não estava disponível para aceitar as associações. A Câmara Municipal de Palmela cedeu o espaço à Acção Teatral Artimanha em regime de comodato⁶ em 2009.

Há um episódio, que pensamos ter tido influência na cedência do espaço ao grupo. No dia 25 de Abril de 2009, na manifestação havida em Pinhal Novo, todos os elementos do grupo marcaram presença. Após os discursos oficiais, e na presença de todos, em frente ao espaço que o grupo reivindicava, os indivíduos da Acção Teatral Artimanha exibiram cartazes com este alerta:



Figura 1 – Cartaz a reivindicar um espaço
Arquivo: ATA

Nesse mesmo ano, 2009, o espaço foi cedido ao grupo de teatro. Foram várias as melhorias que foram efectivadas no espaço e hoje passados dez anos, podemos dizer que a Acção Teatral Artimanha - ATA tem uma sala razoavelmente equipada para poder executar todas as actividades que naquele espaço se fazem.

A Acção Teatral Artimanha é uma associação cultural sem fins lucrativos e a sua principal actividade é o teatro. É um grupo de amadores, nenhum dos elementos recebe qualquer valor monetário, nem faz desta actividade profissão.

Em 2010, acolhe no seu espaço uma classe de dança criativa, ministrada pela professora de dança Sandra Bórgia, que faz parte do grupo ATA, e uma classe de dança do ventre, ministrada pela professora de dança Filipa Matos.

⁶ O contrato de comodato encontra-se definido no artigo 1129.º do Código Civil como sendo um contrato onde uma das partes (comodante) proporciona a outra (comodatário) gratuitamente, o gozo temporário de uma coisa (móvel ou imóvel), mediante entrega, com a obrigação de a restituir. (Economias, 2015)

Tem um protocolo desde 2004 com a Câmara Municipal de Palmela, que lhe permite exercer a sua actividade na área do teatro em duas vertentes: adultos na vertente de Artes Performativas e infantil/juvenil na vertente Escola com duas classes 7-12 anos e 13-17 anos. O subsídio que recebe ao abrigo do protocolo, actualmente no valor de três mil euros, permite ao grupo a sua manutenção, e a possibilidade de poder contratar um encenador para encenar uma peça anual. O facto de os mais novos não integrarem o elenco onde os mais velhos actuam, deve-se a uma questão de horários dos ensaios. Como todas as pessoas trabalham, só é possível ensaiar à noite. Devido à hora a que os ensaios terminam, normalmente por volta das 23.30h/24.00h, é muito tarde para os mais jovens. As aulas e todas as actividades das classes jovens, são asseguradas por elementos pertencentes ao grupo, que entretanto se formaram na área de teatro.

O encontro, partilha e convivência de todos estes indivíduos, seja na área da dança, música ou teatro é, podemos afirmar, uma aprendizagem que pode ser analisada como um território educativo não-formal. A actividade cultural exercida por este grupo, é responsável pelo papel que desempenha na formação pessoal e social dos indivíduos que o integram e pelo desenvolvimento da sua criatividade.

A dimensão comunitária deste grupo, que por todos os seus elementos é reconhecida como promotor de valores humanos, através das muitas práticas de participação activa dentro do grupo e interacção com a comunidade, pensamos que seja em parte, a grande responsável pela coesão que a Acção Teatral Artimanha mantém ao longo de todo este tempo. A sensibilidade e a criatividade são também dimensões da educação e que estão muito presentes no grupo.

A preocupação e o cuidado de não excluir ninguém e de se abrir à participação de todos é também mais uma prática efectiva. Sempre que aparece alguém novo a querer fazer teatro, todos os elementos tentam integrar esse indivíduo, de forma a que ele se sinta confortável e passe a fazer parte desta comunidade que é a Acção Teatral Artimanha e que o facto de pertencer ao grupo contribua para a sua auto-estima e valorização pessoal. Estas são, pensamos, algumas das práticas que fazem com que este grupo se mantenha coeso há mais de trinta e seis anos. Esta cultura de grupo, que desde os fundadores se mantém, dá a estes indivíduos um sentido de ‘poder’, de pertença e de inserção numa comunidade grupal com a qual se sentem identificados. Para Barba “ [Cultura de grupo] não é mais que uma forma

orgulhosa e eloquente para indicar que o grupo tem um saber e uma experiência comum, treinamento, visões artísticas e objetivos próprios” (Barba, 1991, p.18)

1.3 Ocupar o território : O que move estas pessoas

O que move e motiva estes indivíduos, pensamos ser a paixão pelas artes, sobretudo pelo teatro. É arranjar condições que permitam a todos aqueles que queiram fazer teatro inseridos numa comunidade de amadores o possam fazer.

Afinal, se isto de pertencer, trabalhar e dirigir uma associação em prol de uma comunidade, não fosse esta necessidade de permanente afirmação pessoal, e o querer, muitas vezes sem o conseguir, contagiar todos com essa paixão que se tem pela arte da representação, todo este trabalho não faria sentido. Eugenio Barba define e fala do Terceiro Teatro como sendo um teatro que vive à margem, normalmente fora dos grandes centros, que é constituído por pessoas que embora se definam como actores, encenadores, homens do teatro, na sua grande maioria nunca frequentaram uma escola tradicional desta arte, logo não são reconhecidos como profissionais mas, segundo ele, é no Terceiro Teatro que se pode ver, aquilo que constitui a matéria viva desta arte (cf. Barba, 1991, pp. 212-217). Também estas pessoas que criaram e mantiveram este grupo, embora tendo no teatro uma grande paixão, não eram nem são profissionais. Cada um tem a sua profissão e à noite juntam-se para fazer teatro unicamente por amor à arte, e também porque “ [s]eguir as normas do grupo provoca um sentimento de pertença, de domínio da situação e do controlo da incerteza – isto é, faz-nos sentir ligados aos outros, mais seguros e confiantes” (Lima, 2018, p.58).

Estes indivíduos, que sentem uma grande vontade de fazer coisas, de influenciar e contagiar quem os rodeia, são alguém com vontade de partilhar ideias, ocupar espaços vazios, fazedores de cultura, e para quem a influência local é de uma significância demasiado importante para se menosprezar e achar como coisa menor. “Muitos homens, em diversas partes do mundo, experimentam o teatro como uma ponte – sempre ameaçada -, entre a

afirmação das próprias necessidades pessoais e a exigência de contagiar com elas a realidade que os circunda.” (Barba, 1991, p. 144).

Pensamos que um destes homens é sem dúvida o Rui Guerreiro. O Rui, o ‘lunático’, como tantas vezes é apelidado em tom carinhoso pelos elementos do grupo, tem a capacidade de não só ver o agora, mas ver muito para lá do momento. Apaixonado pelo teatro, depositou no grupo toda a sua energia e resiliência. Nas entrevistas/conversas que fizemos como uma das metodologias para este trabalho, a todos pedimos para falarem acerca do Rui. Ficam alguns dos testemunhos obtidos:

Pedro Sottomayor, professor da disciplina de História na escola secundária do Pinhal Novo:

Um conversador. Tem uma grande paixão pelo que faz, e pelo teatro em geral. Acho que só isso é que pode ajudar a perceber há quantos anos ele é a locomotiva da Acção Teatral Artimanha e é também de certa forma a locomotiva do teatro que se faz aqui no Pinhal Novo. O Rui tem uma grande paixão e um entusiasmo imenso pelo teatro. Nunca fala do teatro com enfado, fala sempre com uma paixão que lhe vem lá do fundo da alma. O Rui respira teatro.

Hugo Sovelas, actor na Propositário Azul, encenador da Acção Teatral Artimanha:

O Rui Guerreiro é um menino grande. Tem um lado sonhador que eu acho que toda a gente devia ter. Sonhador, no sentido de sonhador nem é para ele, sonhador é sempre em função e a pensar no grupo. Fala sempre em nós, nunca fala na primeira pessoa. Ele tem muito a noção de grupo (...) e tem a capacidade de nos fazer sonhar. Às vezes é um pouco caótico porque aquela cabeça não pára. Ele é fundamental naquele grupo.

Manuel Lagarto, presidente da Junta de Freguesia de Pinhal Novo:

O Rui é o teatro. Podemos e devemos agradecer ao Rui tudo aquilo que ele já fez no Pinhal Novo em prol da cultura, não só do teatro, mas também de todo o movimento associativo. Ele esteve na origem de muitas associações como a Ata, Bardoada, Amigos de Baco. O Rui está sempre lá, e sempre a promover na ATA este gosto pelo teatro que depois se reflecte em todas as pessoas que fazem parte do grupo. Com as suas ideias, parecendo às vezes ‘disparatadas’, há muita coisa a nível cultural e

associativo que não tinha acontecido no Pinhal Novo se não fosse ele. Com a sua persistência e resiliência consegue convencer e fazer que as coisas aconteçam.

José Eloy amigo do grupo de teatro Acção Teatral Artimanha:

O Rui é uma figura muito carismática, com um turbilhão de ideias na cabeça. Aquela cabeça não pára! Aquele cérebro pensa em muitas coisas ao mesmo tempo, e quando está naquele ‘turbilhão’ de ideias, é muito difícil saber o que ele quer, até mesmo para ele. Eu acho piada e percebo-o. As ideias dele são muito válidas. Precisa de mais ajuda. O Rui faz falta. Ele faz aquilo mexer, andar para a frente. Mais vale tomar uma má decisão do que não tomares nenhuma. É uma peça fundamental.

Alberto Pereira técnico superior Divisão Cultural da Câmara Municipal de Palmela:

Eu tenho uma profunda convicção que faço o Rui interrogar-se, assim como tenho a certeza que o Rui me faz interrogar muitas vezes. E isso não há melhor relação do ponto de vista do respeito intelectual e até da criatividade do que termos relações com as pessoas dessa maneira. O Rui já me fez interrogar muitas vezes. Nunca me esqueci do Rui lá atrás, e também nunca me senti esquecido.

Álvaro Amaro presidente da Câmara Municipal de Palmela:

O Rui está sempre nos momentos determinantes da ATA. Tem sido o grande motor do grupo. Está sempre um pouco à frente do seu tempo. É um visionário, entenda-se visionário como uma pessoa que está muito à frente do seu tempo, e percebeu que a ATA tinha que dar uma volta fora da componente associativa. Porque, se a ATA presta à comunidade todos estes serviços no campo das artes, tem que haver uma outra forma de sobrevivência. **A ATA neste momento é quase um mini conservatório de teatro.** E isso, o Rui é o principal responsável.

Paulo Bórgia, actor e músico no grupo: “O Rui é aquela partícula de energia que põe tudo aquilo a mexer. Parece que é lunático, mas, é um visionário”.

Bruno Gomes director e actor no grupo: “Chego a pensar: se o Rui não é insubstituível!!! Ele é um ponto agregador. É a âncora e o ponto comum deste grupo. Ele é a Alma”

Elizabete Silva directora e actriz no grupo: “O Rui é o pai da ATA. É o pilar. É o único que consegue aguentar, e está sempre presente. Para mim é o Mestre”.

Sandra Bórgia professora de dança e elemento do grupo: “O Rui é a cara do grupo. Tem muitas ideias, e a nível de relações públicas não podemos ter melhor. Ele move montanhas pela ATA”.

Paulo Freire o grande pedagogo do Brasil e mentor da educação para a consciência deixa-nos esta reflexão que acreditamos tem muito a ver com o carácter da pessoa que o Rui Guerreiro é.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (Freire, 1967, p.43).

Todos estes testemunhos levam-nos a pensar que há aqui um personagem, um sujeito medular, no seguimento de alguém, que por dadas características que possui, ser esta figura à qual ninguém fica indiferente. O Rui foi sempre um consumidor de artes, especialmente de teatro. Tinha alguma formação em teatro, e sentiu necessidade, já em muito adulto, de tornar essa formação mais académica indo fazer uma licenciatura em Teatro, ramo de Produção na Escola Superior de Teatro e Cinema. Detem um capital cultural relevante. Constroi uma narrativa do grupo e é a pessoa que acompanha o grupo desde o seu início. Foi construindo uma rede de conhecimentos e criando pontes, contribuindo para a ligação entre grupos e pessoas, com o propósito de reduzir o conflito e gerar a mudança. Exerce a cidadania política e participa activamente na discussão política e social. É detentor do conhecimento e história do grupo como o elemento mais velho e um dos fundadores.

II – O PERCURSO DO CAMINHEIRO: estabelecer pontes

Crescer, pensamos, por vezes é um acto doloroso, nem sempre se toma o caminho certo, ou pelo menos aquele que socialmente é considerado o mais correcto.

Quando a direcção da Acção Teatral Artimanha – ATA se apercebeu, que para crescer em conhecimento, prática e métodos, precisava de alguém de fora que lhes transmitisse esses conhecimentos e lhes mostrasse uma outra realidade teatral, chamou alguém que dominava essa área e que lhe trouxe uma mão cheia de ideias e soluções. Acreditamos que reconhecer que não se tem as ferramentas necessárias para evoluir demonstra sapiência e lucidez; pensamos que a isto se chama inteligência e conhecimento das capacidades do grupo. Não adianta isolar-se e fazer de conta que se reúne todo um conhecimento se isso não é verdade e como Barba afirma, “É no intercâmbio, e não no isolamento, que uma cultura pode desenvolver-se , [transformar-se] organicamente. O mesmo é aplicável para os indivíduos e os profissionais do teatro” (Barba,1991, p. 190).

A convivência e a partilha de saberes com outros grupos de teatro, foi desde sempre uma prática dentro do grupo. Todas as direcções da Acção Teatral Artimanha, ao longo destes anos de existência, promoveram e incentivaram o intercâmbio entre grupos e companhias de teatro. Pensamos que estas práticas ajudam à vitalidade das associações, promovem e incentivam o gosto pela arte da representação teatral junto das comunidades. Sempre que a Acção Teatral Artimanha convida uma companhia de teatro a representar em Pinhal Novo, é

mais uma oportunidade que a comunidade tem de ver esta Arte Maior e que é um dos objectivos deste grupo - incentivar o gosto pelo teatro na comunidade.

AtaConvida:

Esta actividade que a Acção teatral Artimanha mantém há pelo menos duas décadas, tem como objectivo principal fomentar o intercâmbio entre grupos de teatro. As companhias de teatro de amadores, nomeadamente as associadas na Federação Portuguesa de Teatro – FPTA, vêm a Pinhal Novo e a ATA vai depois às localidades dessas companhias mostrar e fazer o seu teatro. Os recursos financeiros são escassos, o que torna inviável manter esta actividade num ritmo regular, uma vez de dois em dois meses, como o grupo gostaria. Sabemos que sempre que há condições financeiras para a concretização desta partilha, convívio e conhecimento, o grupo convida um parceiro a vir mostrar o seu trabalho nesta localidade. Esta actividade, como partilha de saberes que é, traz ao grupo uma dinâmica muito salutar, na medida em que representar para públicos diferentes é sempre enriquecedor, para além de que é sempre bom conhecer e contactar com realidades novas. Também, e muito importante, a regularidade do teatro na localidade, permite criar novos públicos

Estas parcerias e intercâmbios entre grupos, são de uma importância vital, pois consideramos que é muito através destes contactos e experiências que os grupos tomam conhecimento de outras realidades que não as suas, com técnicas e métodos que os irão ajudar a ter uma outra visão do teatro. Isso contribui para o seu estímulo, conhecimento e diremos mesmo até para a sua própria actividade se tornar mais estimulante e saudável. Porquê mais estimulante e saudável? Porque sempre que a Acção Teatral Artimanha vai representar fora de Pinhal Novo, todos os indivíduos do grupo ganham um novo ânimo com a perspectiva de representarem para um público diferente e, também muito importante, porque uma representação fora é sinónimo de festa para todo o grupo.

Pese embora o teatro seja o objectivo principal desta actividade, também na área da música se cruzam conhecimentos e partilhas. O grupo de teatro ATA, fomenta e pratica a actividade musical, ao organizar concertos musicais, como por exemplo a vinda de Fernando Tordo, a Tânia Cardoso entre outros que actuaram no auditório Municipal de Pinhal Novo.

A troca entre ‘vizinhos’ e amigos, tem para este grupo uma importância vital. Quando há um amigo que privilegia o relacionamento que tem com a ATA, e acredita na capacidade organizativa do grupo e lhe pede que seja ele a fazer o lançamento dos seus livros, como aconteceu com o jornalista da Antena 1, José Manuel Rosendo, o grupo só pode dizer sim. A apresentação dos livros em Pinhal Novo, *de istambul a nassíria: crónicas da guerra no iraque* (2007) e *Ascensão e queda da irmandade muculmana no egipto* (2017), foram, a pedido do autor, organização da Acção Teatral Artimanha.

Pensamos que o intercâmbio é um dos caminhos para que se estabeleçam pontes, que trarão, para lá do conhecimento, uma série de mais-valias que acreditamos, muito ajudarão o grupo a manter-se cada vez mais unido.

O que somos é construído, mantém-se e modifica-se através das relações que mantemos com as outras pessoas. (...) somos animais sociais, cuja sobrevivência física está dependente de sermos cuidados por outros. (...) nós em interação somos os espelho dos que nos rodeiam e, nesse sentido, influenciamos decisivamente a maneira como os outros se representam (Lima, 2018, p. 35)

Esta actividade, como partilha de saberes que é, traz ao grupo uma dinâmica muito salutar, na medida em que representar para públicos diferentes é sempre enriquecedor, para além de que é sempre bom conhecer e contactar com realidades novas. Também, e muito importante, a regularidade do teatro na localidade, permite criar novos públicos, e fidelizar aquele que com alguma regularidade frequenta as salas de espectáculos.

2.1 Os Mestres: encenadores e autores

É nossa opinião que se os elementos da Acção Teatral Artimanha - ATA, nomeadamente os seus dirigentes, não tivessem querido evoluir, e se se tivessem limitado a ter ficado satisfeitos com o que tinham conseguido, certamente que o grupo não teria atingido os trinta e seis anos de vida e mais os que virão! A tomada de consciência e a vontade de querer melhorar a arte de representar, criando cada vez mais interesse no público que via as suas representações, serviu de estímulo e fez com que se criasse toda uma dinamização, de

forma a preencher um espaço vazio na área do teatro, dentro da comunidade onde o grupo se insere.

Acreditamos que a vinda de encenadores, indivíduos que são profissionais como actores e ou encenadores, foi de extrema importância para o grupo. Sabemos que foi e é muito importante a forma como cada encenador lidou e lida com as pessoas da associação de teatro, gere emoções, e sobretudo aposta nas pessoas escolhendo ou propondo o tipo de peça que julga mais adequada.

Foram vários os encenadores que ao longo de todos estes anos passaram pela Acção Teatral Artimanha. Estas pessoas, com o seu olhar de fora e inicialmente com o distanciamento que tinham acerca do grupo, e com toda a sua experiência, trouxeram e deram aos seus elementos um conhecimento, e um saber que muito contribui para a formação pessoal de cada um, e por conseguinte para o fortalecimento da própria identidade do grupo. “ A identidade pode ser usada para dividir, mas pode também ser, e tem sido, usada para integrar ” (Fukuyama,

2018, p. 205). No caso da ATA, pensamos que contribuiu para tornar o grupo mais coeso e forte, na medida em que toda essa absorção de conhecimentos, permitiu que de uma forma geral o grupo passasse a ter mais consciência de grupo, e ficasse cada vez mais consciente da importância que é pertencer e estar inserido numa comunidade.

Alguns dos encenadores que mais marcaram estes actores amadores, seja pelos textos que encenaram, pela mudança comportamental que operaram nesta comunidade teatral, pelas relações de amizade que criaram, são pessoas a quem a Acção Teatral Artimanha sente que tem um grande dívida de gratidão. Vamos falar daqueles que pensamos, mais contribuíram para que a ATA seja uma associação de teatro de quem inevitavelmente se fala aqui na zona sempre que o tema se refere às artes, nomeadamente teatro.

Em 1986, Carlos Rodrigues (1944-2016) mais conhecido por Manel Bola, actor do TAS- Teatro de Animação de Setúbal é convidado pela ATA a encenar *Um Deus Dormiu lá em Casa* de Guilherme Figueiredo. O Manel trouxe ao grupo uma forma nova de olhar e fazer teatro, uma alegria e um sentido de representar, método e disciplina. O saber pisar e estar em cima de um palco com confiança. O contato com o texto dramático, embora tenha sido trabalhado e precedido de jogos e de um domínio já significativo da história, ainda foi um elemento muito limitador e intimidativo. No primeiro contacto destes amadores de teatro

com o texto, era evidente o quanto a definição das falas pode ser um factor que inibe os actores para a manutenção do jogo nas cenas. Lembramo-nos da luta que foi, conseguir que um elemento do grupo conseguisse andar em saltos altos!! Ele exemplificava, calçando os sapatos e andando como se andar em saltos altos fosse o seu dia a dia!!! A diversão que foi! Essencialmente pensamos que o Manel trouxe ao grupo o prazer de brincar com as palavras, de as costurar ponto por ponto e depois dizê-las da forma mais natural e necessária e isso só foi possível com o trabalho e a paciência que ele sempre teve para com todas as pessoas que na associação fazem do teatro amador a sua arte, exemplificando, repetindo e jogando com as palavras.

Dele disse a presidente da Câmara Municipal de Setúbal numa homenagem que a cidade fez ao Manel em 2013:

O Manel é, como muitos dos velhos amigos que vai revisitando diariamente nas deambulações pela cidade, um artesão dos palcos, porque ele os constrói e dá-lhes vida como só os actores sabem. Obrigado. Setúbal agradece-te por tudo o que fizeste por ela. (Cultura, 2013).

O Horácio Manuel (1954-2017), era sobretudo um actor de teatro, com mais de 40 anos na companhia O Bando, com colaborações no Teatro Nacional São João, Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Extremo, Cornucópia, e como intérprete de Luigi Pirandello, David Mamet ou Hélia Correia, e também como autor de peças como *Aton* ou *É a guerra, é a guerra*. Trabalhou com o dramaturgo e encenador brasileiro Augusto Boal, com quem estudou técnica de actor, dramaturgia e encenação e foi encenador da Acção Teatral Artimanha durante uma década. Quando em 2002, vem encenar a ATA, já a companhia de teatro O Bando estava sediada em Vale de Barris, Palmela. Propõe ao grupo fazer *Barracas*, um texto de sua autoria que ele tinha escrito e representado no bairro de Marvila em Lisboa por volta dos anos oitenta. A forma como ele lidava com o grupo e como expunha as suas ideias e o que ele queria que fosse feito pelos actores era, pensamos, muito inovadora e até de certa forma pedagógica. Ele incentivava, explicava e ‘puxava’ por todos os elementos até conseguir o resultado desejado. Pensamos que contribuiu muito para que o grupo hoje consiga encarar e fazer qualquer texto sem receio e com segurança, pelo que estaremos sempre gratos por todos os ensinamentos que nos ministrou.

O método usado pelo Horácio, era o chamado de ‘chave na mão’. Se depois da encenação, quando ele terminava o trabalho, pretendíamos ficar com o cenário, era acordado

com ele logo no início, caso contrário, depois da peça sair de cena, de fazer o seu percurso normal de representações, ele recolhia o cenário, ficando sempre a ATA com um artefacto à escolha. Ele escrevia o texto, ou adaptava-o, fazia o desenho de luzes, a cenografia e a encenação. O guarda roupa, era normalmente com recurso a roupas que os actores tinham em casa, outras que existiam na associação Artimanha, chegando ele a trazer algumas peças emprestadas pelo companhia de teatro O Bando. Quando não se conseguia, havia sempre o recurso de uma costureira (D.Rosa Ricardo), como foi o caso em 2006 com as *Guitarras de Alcácer Quibir* de autoria do Horácio, em que todas as capas foram feitas por uma costureira, e todo o resto do guarda roupa e algumas peças do cenário foram empréstimo do O Bando.

O Horácio Manuel, foi uma pedra basilar para o desenvolvimento e crescimento da Acção Teatral Artimanha. Com um sentido crítico, interventivo e essencialmente estético, cada texto que ele propunha ao grupo, era uma autêntica aventura e uma experiência de aprendizagem que guardamos e recordaremos para sempre.

Em 2003, a Acção Teatral Artimanha publicou uma brochura para comemorar os vinte anos da associação e este é o texto que o Horácio escreveu.

Começo por afirmar que gosto do nome – Acção Teatral Artimanha! – É sem dúvida um nome de combate, como aqueles que surgiram no pós revolução de 25 de Abril na área da cultura como, “ Vozes na Luta”, “Teatro Comuna” e tantos outros, cheios de furor de mudança a definirem o lado da barricada onde se luta, porque se a queda do fascismo se operou foi porque o povo Português teve muita Artimanha para o fazer. Olhando agora para o presente o que fico a observar neste grupo , e e já são muitos, é a sua capacidade de resistência. Não é fácil com todas as mudanças políticas e sociológicas que se vão operando na sociedade Portuguesa resistir. E resistir parece-me o termo. (...) Uma palavra de apreço sincero à equipe que dirige hoje o ATA por querer e insistir no grupo de Teatro amador que dirigem a atitude que o espaço do Teatro é um local de encontro de gerações e emoções, isto chega e será certamente a chave do sucesso no futuro. (...) Um grupo com mais de vinte peças realizadas, que organiza com regularidade acções de formação em sectores variados, que carrega aos ombros a organização de festivais, que participa em actividades na comunidade, que responde presente a tantas solicitações, aspirará a um espaço condigno, isto para não falar dos apoios financeiros e outros. Sem eles a qualidade artística e a intervenção social não se poderá operar. (...) Encontrei um grupo organizado, capaz e interessado

a responder a desafios artísticos de maior envergadura e de mútuo acordo manter a ideia de itinerância dos espectáculos. Servir o público onde quer que ele esteja e disso tirar o prazer do nosso esforço. (...) de artistas amadores por aquilo que tão generosamente vão oferecendo à comunidade e recordar-vos que o teatro é também, e sobretudo, uma dívida de amor e um modo de comunicação com os nossos semelhantes (horácio, 2003).

Outro dos encenadores que pensamos ter contribuído para o desenvolvimento da Acção Teatral Artimanha seja ao nível da estética, do saber ver, do dizer o texto ou da construção da personagem, pensamos ter sido o Hugo Sovelas. O Hugo trouxe jovialidade e descontração com muita responsabilidade, na forma como dirigiu o grupo e que muito, estamos certos, agradou a todos os indivíduos. Vem trabalhar com a ATA em 2014 para encenar Karl Valentin a que o grupo, depois de um *brainstorming*, acabou por dar o título *ISOPROPILPROPHEMILBARBITURSAURESPHENILDIMETHILDIMENTHYLAMINOPHI RAZOLON*, aproveitando o nome de um medicamento referenciado num dos textos.

O método utilizado pelo Hugo baseia-se muito em Stanislavski, experiências e memórias como base para a construção do personagem, e que Sarrazac descreve referindo-se à tradição de Stanislavski (...) “que aconselha o ator não tanto a identificar-se com a personagem, mas sobretudo a alimentar a sua interpretação com a recordação das suas próprias emoções, com os seu próprios recursos psíquicos” (Sarrazac, 2016, p. 65). Uma boa forma entre a interacção actor e encenador para um objectivo comum, conseguir um bom desempenho. Trabalhava cena a cena com todos os actores, experimentava e pedia para que os actores experimentassem também, pois dizia ele, o actor tem que se sentir confortável e à vontade com o personagem. Deixava que os actores experimentassem e fizessem propostas. Individualmente trabalhava com cada um, até encontrarem o personagem e estivessem de acordo com um resultado que agradasse a ambos. Os ensaios, eram semidirigidos. Ele permitia que os actores trabalhassem sem indicações, isto já numa fase adiantada do trabalho. No final, reunia com todos e muito pedagogicamente dizia o que tinha corrido menos bem, fazia as correcções e dava as indicações de como não voltar a acontecer. O Hugo, estamos certos, criou uma relação de muita cumplicidade com os elementos da Artimanha e um conhecimento individual de cada um, que já não tinha dúvidas de quem era o mais indicado para cada personagem.

Também alguns elementos da Acção Teatral Artimanha se aventuraram na encenação. Foram eles o Elias Mourinha, encenador da primeira peça que a ATA representou *Eu, Tu, Ele*, *Nós, Vós, Eles* de Sérgio Godinho em 1982, O Rui Guerreiro, que fez a dramaturgia de uma das peças encenadas por ele *O Rei Pasmado* de Gonzalo Torrente Ballester, e para a qual conseguiu os direitos de autor cedidos pelo filho do autor, a custo zero ; a Lina Silva; o Óscar Silva, que começou no grupo com onze anos e hoje é actor profissional e que entre outras encenou algumas peças de sua autoria: *O Mundo Boneco e Onde Está o 28?*, esta, por ocasião do 28º aniversário do grupo. O Bruno Gomes, que fez a dramaturgia dos Pinguins, baseada num conto que a Irena Boteta, elemento da ATA, escreveu quando andava na escola secundária, e que ganhou o primeiro prémio que foi uma viagem à Antártida.

Outros encenadores passaram pela Acção Teatral Artimanha, como: o Fernando Casaca, Teatro do Elefante, Setúbal; José Carretas, actor e encenador; José Gil performer e professor da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE/IPS); Luciano Barata, Teatro Projector, Barreiro; Delfim Miranda, Marionetista.

Estamos certos, que todos estes Mestres contribuíram, cada um à sua maneira para que a Acção Teatral Artimanha seja um grupo com uma identidade própria em que os elementos têm um entendimento do que significa ser membro de uma comunidade, um grupo fazedor de comunidades e um grupo com uma estrutura dinâmica e activa que vê no teatro uma forma de melhorar os seus relacionamentos, e tem com as artes performativas um vínculo que transporta para as suas vivências diárias.

2.2 As produções

Apresentamos alguns exemplos de produções, que consideramos relevantes do que são as vivências da Acção Teatral Artimanha, a sua inclusão e participação na e para a comunidade em que se insere. Optámos por falar das produções que se fizeram a partir do ano 2003 por uma questão de proximidade no tempo e o elenco, na sua maioria ainda estar activo no grupo e também porque todas as produções feitas até essa data, estão documentadas na brochura com recolha de textos e coordenação de Ana Guerreiro e Rui Guerreiro e que o grupo editou em 2003 (28 de Novembro).

Referênciamos aqui, as produções/peças que a Acção Teatral Artimanha fez, e que em nossa opinião contribuíram para que o grupo estabeleça uma relação de troca com o público, não numa relação de artista com o público, mas numa ideia de compartilhar, e mostrar:

- Identidade e pertença;
- Estrutura assente na partilha e na dívida;
- Fazedor de comunidades.

As estruturas de produção do grupo, assentam essencialmente na partilha e na dívida por parte dos elementos que constituem a ATA. A dívida e a partilha é um recurso a que praticamente todos os grupos de amadores recorrem e a ATA em especial, muito devido à falta de recursos económicos com que se debatem, mas também por uma questão de proximidade e praticidade. Roger Sansi, reflecte acerca da dívida (um tema muito caro à antropologia) nas práticas artísticas relacionais e participativas.

As situações e relações que estas formas artísticas produzem remetem inevitavelmente à dívida e às formas gerais do social: como nos relacionamos com os outros, como nos relacionamos com as coisas, como se constroem as comunidades, como trabalhamos em conjunto... Em muitas destas práticas existe uma crítica directa, ou indirecta, à forma de mercadoria e do mercado, enquanto marco hegemónico que articula as relações sociais (Sansi, 2019, p.101).

As produções neste grupo, estão muito assentes nas comunidades de pertença. O carro, a casa, a quotização, nos próprios recursos pessoais dos indivíduos que pertencem ao grupo. Se é preciso um carro para as deslocações, transporte de cenários e adereços, compra e carregamento de materiais, etc, são os indivíduos do grupo que põem o seu próprio carro ao serviço de todos, sem qualquer contrapartida monetária em troca. O guarda roupa das produções, é também muitas vezes suportado pelos elementos pertencentes ao grupo, trazendo peças que têm em casa, ou que pedem a alguém que sabem ter esse adereço necessário para essa produção.

A ATA, porque soube rodear-se de ‘vizinhos’ e soube criar redes, recorre a eles com alguma frequência. É aquele indivíduo que sabe costurar, e então faz esse trabalho que é necessário à peça teatral que vai ser apresentada, é um outro que tem em casa um adereço, como por exemplo uma cama, e a oferece, são os que pertencem a uma associação que se dedica à actividade musical e fazem a música para a produção da ATA, é o que assegura a

frente de sala nas representações, porque todos os elementos do grupo ou entram na peça, ou estão ocupados com outras tarefas inerentes à representação. As comunidades de vizinhos, estendem-se também às empresas que apoiam as actividades do grupo como é o caso da ASL Tomé que oferece o vinho e moscatel, a Magjacol que oferece as tintas, a Gráfico Publicidade que faz toda a criatividade dos *flyers*, Ilda Cabeleireiros que faz os penteados. Esta dávida e partilha tem muito a ver, em nosso entender, com o sentido de pertença e com o orgulho em querer que o grupo de teatro Artimanha faça sempre mais e melhor, dar o melhor para poder esperar e receber o reconhecimento da comunidade.

A estrutura deste grupo teatral, não tem como objectivo a mercadização da arte, aliás sempre se evitou essa prática. Também não se busca incessantemente o subsídio; existe uma menção emocional de estrutura do *self*, de aquisição de competências e solidariedade e acima de tudo uma criação de redes de proximidade e amizade, que ultrapassa a dimensão da estética teatral. Trata-se de um modo de vida em que já não é só o teatro que alimenta esse modelo. A comunidade passamos a ser nós, o próprio grupo, no sentido de ser um agente de criação de laços, locais, vizinhança, não no sentido de família consanguínea, mas no sentido de *communitas*, um espaço de semelhantes. O teatro de amadores é um fazedor de comunidades para a qual nos dirigimos, fazemos coisas, e com as quais nos identificamos. O teatro de amadores agita o rizoma local de relações e laços.

Através do teatro e comunidade, no campo do teatro de amadores, estabelecem-se laços que estimulam as comunidades no campo da afectividade; os afetos neste género de teatro são primordiais e um contributo essencial. Podemos considerar o teatro de amadores como comunidades de prática, onde as pessoas partilham valores, interesses e éticas comuns. Comunidades de prática, é definido pelos criadores do conceito Lave & Wenger (1991) como um: “ (...) conjunto de relações que se estabelecem entre pessoas, actividades e o [mundo] [o meio], ao longo do tempo e em relação com outras comunidades de prática” (Lave & Wenger, 1991).

Através do teatro e comunidade, no campo do teatro de amadores, estabelecem-se laços que estimulam as comunidades no campo da afectividade; os afetos neste género de teatro são primordiais e um contributo essencial. Podemos considerar o teatro de amadores como comunidades de prática, onde as pessoas partilham valores, interesses e éticas comuns.

D. QUIXOTE

Estreia: 28 de Fevereiro 2004

Na Sinopse, da autoria de Horácio Manuel, encenador da peça, ele refere algumas das práticas que para o grupo de teatro Artimanha são muito relevantes. “Uma encenação que permitisse que todos os indivíduos do grupo pudessem integrar o elenco” e outra que ele introduziu e que se passou desde então a executar “um cenário fácil de montar e desmontar”. Estes eram dois dos pontos que o Horácio tinha sempre presente enquanto foi encenador da Acção Teatral Artimanha. Esta produção, foi muito bem recebida pelo público, foram várias as pessoas que no final nos disseram que lhes pareceu muito curta e queriam mais. A peça durava mais ou menos 55 minutos. Esta peça foi representada em praticamente todas as localidades do concelho de Palmela. Em algumas colectividades, o tecto era tão baixo, que a lança - adereço do personagem D.Quixote, não podia ficar em pé. As condições em que por vezes foi feita, não seriam as consideradas mais adequadas, porque o ruído do bar da colectividade, que ficava ao lado da sala onde se estava a representar, ultrapassava em muito as vozes dos actores, ainda que estes se esforçassem para que o público que assistia os conseguisse ouvir.

Esta foi uma das peças em que o grupo contou com os ‘vizinhos’ da comunidade. O guarda roupa foi oferecido pela Associação dos Amigos de Baco, organizadora do desfile de Carnaval em Pinhal Novo.

Sinopse - Miguel de Cervantes escreveu [D.Quixote, a ATA representa-o. Uma pequena e humilde adaptação de um texto original enorme e brilhante , numa encenação que permita a participação do maior número de actores do grupo, disponíveis. Um cenário que resolva os problemas de rapidez de montagem e deslocações para itinerâncias sem perder o imaginário e o surpreendente. Dez actores agarram nas personagens e sempre divertidos e fascinados, constroem de descoberta em descoberta o espectáculo. Depois encontram-se no palco, entre gargalhadas e imagens. O que os diverte a eles certamente o divertirá a si, enquanto espectador. Não poderíamos fazer deste espectáculo um atelier de experimentação teatral na ponta da modernidade. Isso seria desconhecer a realidade quotidiana do teatro amador e do público a que se destina esta obra. Mas a verdade é que algum teatro amador hoje

tende com coragem a ser mais ambicioso e a sair do [bairro] onde ficou por motivos vários, muito tempo fechado. Sabemos que não se passa facilmente do mundo amador ao mundo lúdico de qualidade, da curiosidade às virtuosas piruetas de Arlequim. O nosso trabalho continua a ser o de elaborar transições, pontes, respeitos, criar situações favoráveis ao desbloqueamento do imaginário, significar que a gaiola está aberta, que os corpos e as mentes estão convidadas a entrar em acção e as vozes a fazerem-se ouvir (Horácio, 2004)

Ficha técnica: Encenação e cenografia- Horácio Manuel; **Técnico de luz e som** – Nuno Branco; **Produção e divulgação** – Rui Guerreiro; **Guarda-Roupa** – Amigos de Baco; **Elenco** – Paulo Bórgia, Ana Guerreiro, Iolanda Faria, João Gomes, Francisco Piteira, Sérgio Domingues, Ilda Silva, João Cabrita, Ósar Silva, João Guerreiro.

AS GUITARRAS DE ALCÁCER QUIBIR

Estreia: 17 de Março de 2006

Esta peça, nasce de uma conversa que um dos elementos do grupo, Lina Silva, tem com o Horácio Manuel acerca do rei D.Sebastião e o desejo de abordarmos em palco esse tema da história de Portugal. Podemos dizer que houve por parte do grupo de teatro, uma intervenção aciva na decisão de o Horácio Manuel ter feito a dramaturgia das Guitarras de Alcácer Quibir. Mais uma vez socorremo-nos da comunidade de ‘vizinhos’, no caso a companhia de teatro O Bando, para empréstimo do guarda roupa de época e um amigo da ATA para a confecção das capas que todos os actores usavam. O cenário esteve a cargo do Horácio. Esta peça foi responsável pela internacionalização do teatro Artimanha. A Acção Teatral Artimanha foi convidada em 2006, a participar no Festival Nordestino de Teatro que se realiza anualmente em Guaramiranga – Fortaleza – Brasil e que de dois em dois anos tem uma mostra internacional, em que são convidadas três companhias estrangeiras. Em paralelo também

viajaram para o Brasil elementos dos Bardoada e da Câmara Municipal de Palmel no âmbito da criação dos Tambores das Nações com direcção do maestro Kim Soler, envolvendo as orquestras de percussões de Guaramiranga, Bardoada de Pinhal Novo e os Kabum da Catalunha com a Câmara Municipal de Palmela como parceiro.

Para essa digressão, foi toda uma comunidade que trabalhou e ajudou o grupo Artimanha a conseguir os meios (monetários) para pagar as viagens de 14 actores, técnico e músicos. Desde arrumadores de carros nas Festas Populares do Pinhal Novo, a vendedores de flores, rifas, jantares solidários com teatro, organização das Noites de Verão com espectáculos de música e teatro ao ar livre, com bar, etc., tudo foi feito para o grupo conseguir angariar os fundos necessários para a participação no Festival Nordeste. Toda estas vivências em conjunto, fizeram com que nos sentíssemos ainda mais unidos, porque os grupos ajudam-nos a saber quem somos e dão-nos identidade.

Sinopse: Um grande tabuleiro de xadrez é montado sobre oito estrados convencionais de teatro. Simbolizam as casas/tempo que percorreu este rei Sebastião desde o nascimento até à morte nas areias escaldantes do deserto Marroquino. Um xeque-mate aos vinte e quatro anos de um jovem monarca visionário, valente, mas ferido nas doenças do corpo e muito mais nas do espírito. É impossível não verter um sentimento de ternura por este Sebastião louro e de olho azul que se deixa magoado [... não conheci amor de pai nem de mãe...] e ao mesmo tempo de irritação pelo jovem de temperamento mimado, impermeável a conselhos, vaidoso, absolutista e colérico. O espectáculo conta os episódios fundamentais desta curta viagem de vida, pretendendo ser historicamente correcto, mas não deixando no entanto de colocar a imaginação cénica como suporte da atitude narrativa e do desvendar do encadeado das cenas. A premissa criativa gira à volta do fado. Esse fado na sua ampla abrangência, que se canta em cena, destino, luto, sofrimento e saudade. O preto e o branco são a base de todas as outras cores de que se pintam os figurinos com os quais muitas vezes os personagens parecem desfilar na *passerelle* da vida e da história. O espectáculo nada tem de triste, não condena nem aplaude, mostra como se de uma vitrina se tratasse, começa bem, mas acaba mal, como tantas coisas neste mundo. O desempenho dos actores é vivo, aqui e ali com uma pitada de ironia, as cenas curtas e desenhadas em geometrias que permitem uma ocupação do espaço cénico sempre renovado e inventivo. Os adereços aparecem e desaparecem de cena como por magia,

manipulados e transportados pelos actores, o que cria uma ideia de vertigem, num espaço de representação que se mantém sempre limpo, apenas pisado e habitado pelos homens e pelas suas almas. No fim, depois de tudo, ficam só em cena sopradas pelo vento quente do deserto, as guitarras que foram o canto da nossa imaginação e que passarão por infortúnio a ser também o símbolo da dor e da saudade, por esse “Desejado”, encoberto na história e na lenda, por um nevoeiro que pairará eternamente. D. Sebastião, o [D. Quixote] Português, o último cavaleiro da idade média que no seu tempo expirava e que tentou à sua derradeira luz, cumprir um destino de sonho e de utopia. Cervantes, depois do descalabro, vem incorporado nas tropas ocupantes Castelhanas do Duque de Alba a mando de Filipe II e viveu durante algum tempo em Lisboa como soldado. Aqui terá conhecido a tragédia mas deslumbrante da história de D. Sebastião. Quem sabe se tão trágica existência e tão louca teimosia não o inspirou para a sua grande obra? Se a ele não o inspirou, a mim não me passou despercebida. (Horácio, 2006)

Ficha técnica: Dramaturgia, Encenação e Cenografia - Horácio Manuel; **Assistente de encenação:** Lina Silva; **Música:** Álvaro Amaro; **Músicos:** José Eloi, José Negreiros, Luís Silva; **Técnica e Produção:** Rui Guerreiro; **Costureira** – Rosa Ricardo; **Elenco** – Ana Guerreiro, Bárbara Chaveiro, Bruno Gomes, Carla Joana Sousa, Gonçalo Faria, Ilda Silva, Luís Amaro, Óscar Silva, Paulo Bórgia, Paulo Vicente, Sandra Sanchez.

CONVERSAS OUTRORA NÃO ADMITIDAS

Estreia: 11 de Novembro 2017

As **Conversas Outrora Não Admitidas**, com encenação de Hugo Sovelas, foi como que um ‘pedrada’ na comunidade. Inicialmente, e devido ao título, as pessoas pensaram tratar-se de uma peça onde o sexo era tratado de uma forma ‘jocosa’. Aconteceu um fenómeno inovador. A cada representação do grupo, notávamos que o público era cada vez mais heterogéneo. Quem via, passava a palavra aos amigos e vizinhos e acontece este fenómeno de a ATA ter espectadores, que pela curiosidade do tema, vão pela primeira vez ver um espectáculo de teatro e passam a palavra a outros. O público da ATA, foi e continua a ser, já que a peça continua em cena, o maior promotor do espectáculo. A satisfação com que os

espectadores saem do espectáculo, enche de orgulho a equipa que nele participa. Vários foram os testemunhos que chegaram à acção Teatral Artimanha acerca deste espectáculo:

- Não sabia que no Pinhal Novo havia um grupo de teatro que fazia teatro assim;
- O título leva inicialmente para o campo sexual, e afinal, falam de um tema tão importante. A violência doméstica, a igualdade de género, os direitos das mulheres;
- Como é que, de uma forma tão natural e séria, vocês abordam estes temas tão importantes para as mulheres?
- Vou dizer às minhas amigas que têm que ver esta peça;
- O tema abordado é muito importante para o género feminino, todas as mulheres deviam ver.

Sinopse: É uma reflexão sobre a relação da mulher com a sua própria sexualidade feita com muito humor e sem preconceitos. É uma abordagem divertida e hilariante, séria e íntima ao indecifrável universo feminino. A transexualidade ou a violência doméstica, são alguns dos temas abordados neste trabalho. A palavra Vagina é dita de uma forma normal e até divertida. Nenhuma das mulheres baixa a voz quando a pronuncia, nenhuma das mulheres tem medo ou receio da crítica quando a diz. São muitas as palavras pelas quais a vagina é conhecida, e essa será também uma das abordagens neste espectáculo. Oçam estas mulheres e tudo o que elas têm para vos dizer. Estejam atentos aos alertas que vos enviam.

Ficha técnica: Encenação e Dramaturgia: Hugo Sovelas; **Produção:** Artimanha; **Produção executiva:** Rui Guerreiro; **Técnica:** João Costa; **Design:** Grafe Publicidade; **Frente de Sala:** Paulo Paiva; **Elenco:** Ana Filipa Dias; Ana Guerreiro, Ana Sílvia; Bruno Gomes; Elisabete Silva; Ilda Silva; Inês Cavaco; Lina Silva; Teresa Costa; Sara Masqueiro. **Agradecimentos:** Hugo Silva, Joaquim Mateus e Luis Silva

PRANTO DE MARIA PARDA : teatro de rua

Estreia: 30 de Abril de 2016

No âmbito do Teatro de Rua, o Pranto de Maria Parda, pensamos ter sido a peça que mais empatia criou com o público. No texto do Pranto de Maria Parda, Gil Vicente, mostramos a vivência dos negros e mestiços no séc. XV – XVI, onde se calcula que fossem 10% da população de Lisboa. A figura de Maria Parda, perspicaz e corrosiva, observadora da sociedade e amante do vinho, é uma voz crítica da sociedade da época. A forma como foi pensada toda a encenação, procurando o encenador, Hugo Sovelas, dar uma teatralidade poética transfigurada, ao recorrer à técnica do Bufão caricaturando todos os personagens e transformando-os em saltimbancos que tocam, dançam e se divertem pregando partidas e escarnecendo de Maria Parda, procurou revelar a poesia que existe naquilo que achamos feio e grotesco. O ressurgimento do bufão como ‘máscara teatral’ no século XX, deve-se em parte ao resgate da cultura popular por encenadores vanguardistas, como Meyrhold que procurava o teatral e transfigurado.

Esta peça estreou numa adega do Pinhal Novo, ASL-Tomé a pedido do proprietário do espaço e amigo do grupo, num evento que a Acção teatral Artimanha organizou para o efeito e que partilhou com a comunidade local. Foi representada em Feiras Medievais: Palmela e Sintra, em Festivais de teatro: FIG (Pinhal Novo) e Bambolinices (Setúbal) e noutros espaços ao ar livre. Recentemente foi adaptada para palco, para o grupo responder positivamente ao convite do grupo de teatro Escampolo de Herrera – Sevilha - Espanha, com quem mantém um intercâmbio e partilha trabalhos, espaços e ideias. As tais redes que a ATA cria e preserva.

O Pranto de Maria Parda, foi a segunda peça a internacionalizar a Acção Teatral Artimanha. Com a representação que o grupo fez em Herrera, foi possível sentir um público diferente, que embora não percebendo o que os actores diziam, entenderam todo o conteúdo, como muitos dos espectadores disseram ao grupo o que, e pegando nas palavras de Eugenio Braba “ Quando os teatros de grupo se encontram, é um diálogo de emigranteso que se tece” (Barba, 1991, p. 159)

Sinopse: [*Por que vio as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, e ella não podia viver sem elle*]

Sendo a região de Palmela uma zona de forte produção vinícola de muitos e bons vinhos, conhecidos a nível nacional e internacional, a ATA- Acção Teatral Artimanha, associa-se a este reconhecimento e presta-lhe a devida homenagem ao representar o texto de Gil Vicente “ O Pranto de Maria Parda” que é uma verdadeira ode ao Vinho.

Maria Parda percorre as ruas de Lisboa à procura de quem lhe fie vinho que devido à crise desse ano 1522 muito escasseava no país [vou-me a morrer de sequia/na triste era de vinte e dous]. Parda, velha e decadente, está rressacada e sofre revoltada porque não tem vinho nem dinheiro para o adquirir. Ninguém lhe fia, [Não dou eu vinho fiado, Ide vós embora, amiga].

De rua em rua, vai questionando o porquê da escassez e dos preços tão altos do vinho [Ó travessa zanguizarra/Porque tens ha tantos dias as tuas pipas vazias, os toneis postos em pé?]. Tenta convencer os taverneiros [Ó Senhora Biscaïna, Fiae-me canada e meia], e por todos é escorraçada [se quereis fartar a tripa, Pagaie, que a vinte se mede]. Maria Parda faz o seu testamento e também aqui o vinho continua bem presente à medida que Parda vai debitando os desejos que quer cumpridos após o seu finamento. O grupo de saltimbancos brinca e diverte-se a pregar partidas a Maria Parda. Com a introdução deste grupo, pretende-se tornar o Pranto de Maria Parda mais real, autêntico e animado. Bom regresso às ruas de Lisboa do séc. XVI. (ATA, 2017)

Ficha técnica: **Encenação:** Hugo Sovelas; **Produção:** Artimanha; **Produção executiva:** Rui Guerreiro; **Design:** Grafe Publicidade; **Fotografia:** Abílio Neves; **Costureira:** Rosa Ricardo; **Elenco:** Ana Guerreiro, Bruno Gomes, Beatriz Carvalho, Elisabete Silva, Ilda Silva, Inês Cavaco, Paulo Borgia.

Estas são, algumas das produções entre as muitas que a ATA realizou ao longo destes trinta e seis anos, que quisemos referenciar, pela forma como o público aderiu e também pela internacionalização do grupo no Brasil e em Espanha.

2.3 Parcerias

Ser parceiro das actividades artísticas que acontecem em Pinhal Novo, faz parte da identidade da Acção Teatral Artimanha, é quase como se de um ritual se tratasse, em que “O jogo dá às pessoas a chance de experimentarem temporariamente o tabu, o excessivo e o

arriscado” (Schechner,2018, p. 50). O jogar, permite aos indivíduos do grupo viver o teatro num contexto de ritualização performática.

Rituais são uma forma de as pessoas lembrarem. Rituais são memórias em ação, codificadas em ações. (...) O jogo dá às pessoas a chance de experimentarem temporariamente o tabu, o excessivo e o arriscado. (...) Ambos, ritual e jogo, levam as pessoa a uma [segunda realidade], separada da vida cotidiana. Esta realidade é onde elas podem se tornar outros que não seus eus diários (Schechner,2018, pp. 49-50).

No ritual há sempre uma celebração festiva. Na festa celebra-se o instante e queima-se o excesso. Para os gregos, os festivais dionisíacos, e onde o teatro acontecia, eram o grande momento do reencontro, da celebração e do ressurgimento da vida. Dioniso despedaçado renascia, como a natureza e o homem, através desses rituais. Os gregos identificavam-se, reconheciam-se e reconstruíam as suas vidas e os seus corpos para o novo ano que se anunciava. A catarse aristotélica era o ápice desse movimento em que o ciclo da natureza e de Dioniso se reiniciavam.

As parcerias que a Acção Teatral Artimanha tem com a comunidade e autarquia, são vistas e sentidas pelos indivíduos do grupo como de capital importância, não só pela oportunidade que oferecem ao grupo de teatro de fazer recriações e entrar no campo da *performance*, mas também porque há toda uma política de interesses locais, à qual a ATA não pode fugir, até porque na grande maioria destes rituais o grupo de teatro esteve presente desde o início da sua reconstrução, como é por exemplo a Queima de Judas no sábado de Páscoa em Palmela.

QUEIMA DO JUDAS

A Queima de Judas, é um ritual que a Câmara Municipal de Palmela recuperou e que segundo Alberto Pereira, técnico superior responsável pela área da cultura é :

Um ritual comunitário que tinha raízes no concelho de Palmela, e que não se realizava desde 1975. Aproveitou-se o facto de haver pessoas ainda vivas que tinham participado no último ritual , e com a participação da comunidade teatral e das associações de Palmela retomou-se a Queima de Judas em 1995.

A Queima de Judas, realiza-se no sábado de Páscoa na vila de Palmela. É um espectáculo de teatro comunitário, em que se recupera o ritual pagão da morte do ano velho e da chegada da Primavera, numa teatralização de condenação de Judas ‘o traidor’. Judas é queimado, expurgando-se assim através do fogo, todos os males do ano que passou. Cada associação tem o seu espaço de representação na zona histórica de Palmela. O grupo de teatro Artimanha, elege normalmente temas actuais para as suas *performances*, e o objectivo é, que despertem consciências, e alertem para realidades que se passam no mundo, como por exemplo o caso dos refugiados e a violência doméstica. O grupo a exercer a sua ‘camada de político e agitador social’.

Bishop⁷ defende a capacidade transgressora de projectos participativos [antagonistas] susceptíveis de criarem um choque no espectador e assim despertar a sua atenção perante situações de exploração ou vulnerabilidade (Castellano & Raposo, 2019, p. 17)

Estas formas de Arte, onde há um grande número de público que assiste, devem também ser direccionadas, quanto a nós, para o pleno direito do exercício da cidadania a que os grupos/associações fazedores de arte estão de alguma forma ‘obrigados’ a exercer. Afinal a arte e em particular o teatro não é um agitador de consciências?

A cidadania como exercício que se conquista com pequenos gestos e se aprimora com a educação e o respeito ao próximo. (...) É hora de ensinarem aos nossos jovens e crianças noções de cidadania que não se aprendem em livros, mas pelos exemplos, e isto cabe a nós professores, pais e familiares. (...) Exemplos ensinam muito mais que palavras e discursos. Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho.” (Freire, 1986)

Neste ritual, participam todos os elementos de todas as classes do Artimanha, com grande destaque para o AtaBrinca. Aqui, o grupo privilegia os mais pequenos, fazendo deles os protagonistas da *performance* criada para o evento ritualista.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE GIGANTES - FIG

⁷ Claire Bishop

Uma outra parceria que o grupo tem com a autarquia é o Festival Internacional de Gigantes – FIG. Aqui, o grupo de teatro é parceiro do evento, juntamente com mais três associações de Pinhal Novo, Bardoadá (grupo de percussões), AJCOI – Associação Juvenil Centro de Ocupação Infantil e PIA Projectos de Intervenção Artística. Este festival realiza-se de dois em dois anos no primeiro fim de semana de Julho em Pinhal Novo. As funções dos parceiros durante a preparação do festival é propor e aconselhar na escolha artística e logística dos grupos.

É um festival essencialmente de artes de rua, onde o teatro e o fogo marcam presença a tempo inteiro. Na génese deste FIG está segundo as palavras de Alberto Pereira, director do festival, em entrevista concedida para este trabalho:

Pegou-se no conceito do gigantismo e em que o aspecto dramático, teatral estivesse relativamente presente, isso aconteceu na componente das formas animadas desde a primeira edição e depois com um maior aprofundamento daquilo que são os conteúdos teatrais do FIG ao longo das suas diferentes edições. Portanto o FIG nasce em 1995, tal como a Queima do Judas sempre contextualizado pelo Programa Municipal de Teatro, onde nós tínhamos uma área de formação, uma área de programação e uma área de mobilidade, isto era aquilo que constituía a relação com os grupos existentes, na altura só a ATA, e depois havia os apoios financeiros. Na altura só a ATA, mas este plano de formação que entretanto desenvolvemos permitiu que outros grupos aparecessem. O impacto do primeiro FIG tem um grande significado porque se percebe que determinadas componentes ligadas ao teatro podem sair para a rua e mobilizar muita gente (...) Lançamos duas acções de formação decisivas em 1997, uma de formas animadas e outra na área da percussão. (...) dissemos ao Rui Junior⁸ em Janeiro de 1997: nós gostávamos de desenvolver aqui uma experiência formativa: Qual? desenvolver uma experiência na área da percussão e portanto essa era uma das áreas que tínhamos garantido, mas na área das formas animadas foram aqueles que nos tinham ajudado a descortinar a logica das formas animadas tradicionais que eram os nossos amigos de Braga, Constantino Teixeira e outros, e pela associação Espiral, ainda como Espiral e não Ida e Volta como hoje se chama. E foi nessa formação que nasceu o Diabo, o primeiro boneco das formas animadas aqui no concelho de Palmela, que foi feito pelo grupo de teatro Artimanha.

⁸ Fundador da Orquestra de percussões Toca a Rufar

Para a participação neste festival, o grupo promove oficinas de artes plásticas, onde constroí os artefactos que irão usar no desfile. O desfile cultural/etnográfico, é um dos momentos participativos do FIG em que os artistas do festival, associações culturais e escolas da comunidade participam, criando para esse fim as suas *performances* e exibindo os seus artefactos culturais. Este ano, a Câmara Municipal de Palmela, promoveu uma oficina para a construção de cabeçudos e gigantes. Dois elementos do grupo foram a essa formação, e fizeram um cabeçudo homenagendo o Rui Guerreiro. No espaço ATA, nos dias que antecederam o festival, era toda uma comunidade que trocava saberes, conhecimentos e espaços. Uma amiga que viveu pela primeira vez o FIG escreveu:

Observar a partilha do [espaço mágico] com outros grupos. Foi fantástico perceber a disponibilidade da equipa ATA para acolher outros grupos e equipas que usaram o vosso espaço para fazer os seus trabalhos e ensaios. Foi o caso dos Bardoadas, que estiveram a fazer cabeçudos e da menina palhaço que ensaiou a sua *performance* na sala do espelho, enquanto a equipa ATA trabalhava no seu cabeçudo. O caso do jovem brasileiro que foi solicitar o empréstimo de um adereço para a sua atuação. É uma interação muito saudável, exemplar! Parabéns! A equipa de acabamentos da [cabeça do Rui.] Foi fantástico poder dar um pequeno contributo e ajudar a finalizar a estrutura do cabeçudo. E nessa informalidade fui conhecendo a Elizabete, sempre em [modo boneco] sempre brincalhona; a Célia, a vossa figurinista, tão metódica, tão atenta aos pormenores; o Bruno e a Inês, mais tímidos, mais calados, sem deixar de ser afáveis; a Teresa, solícita, também a ajudar. E tu (... , a colar papeis, umas vezes a refilar com todos, outras a brincar, mas sem nunca largar a roda do leme. Lá fomos colando, sob a batuta da Elizabete e da Célia. E assim se foi vendo a forma, que da caricatura em papel passou a estrutura tridimensional – um cabeçudo. A decoração das túnicas: E de repente estávamos todos, ou quase, a costurar trapilhos em túnicas brancas. O que eu me diverti a ouvir o Bruno e o Paulo (...) com a sua dificuldade para a costura. Mas não deixaram de fazer o trabalho. A surpresa de encontrar uma colega de profissão. A Rute A Rute, tão simpática, tão cuidadosa nos pormenores das túnicas. Eis que o simpático jovem das andas surge, teatral, mas não costura, antes agrafa o trapilho na sua túnica, que fica pronta num passe de mágica. E tu, querida e velha amiga, sempre a refilar e a costurar a tua túnica e as daqueles que não podiam fazê-lo. Porque tu és do tipo, refilo, mas faço! Porque quem está ao leme não abandona o barco (...). Os cartazes: Pensava eu que o meu envolvimento na

performance da ATA tinha terminado, mas eis que surgem uns cartazes para fazer, com uma pequena transformação de [o mar começa aqui] para [O mar começa em ti]. Com uma ajuda daqui, outra dali, ficaram prontos para o desfile. Tudo sempre num corre, corre, que nunca imaginei vivenciar. Emborcar água: A estrutura do cabeçudo estava a ficar torta, era preciso providenciar um garrafão vazio para a desempenar. Encontrámos um mas ainda com água até meio e diz-me a Teresa: - [Temos que emborcar água] E emborcámos um caneco cada uma enquanto chamávamos as miúdas para nos ajudarem. De repente alguém olha para o chão e diz: [Vocês a encher a barriga de água e aqui ao pé está um garrafão vazio]. (...) Pinturas faciais inesperadas: Na azáfama da finalização dos cartazes, antes da saída para o desfile, eis que uma pequenita me aborda e pergunta: - [A senhora pode-me pintar a cara?] E assim, vi-me misturada com os atores e atrizes a fazer pinturas faciais a algumas crianças. (...) Diverti-me e lembrei a escola, onde tantas e tantas vezes o fiz para os alunos. Aliás, como todos os outros trabalhos, colar, costurar, recortar, pintar... Ensaios de dança: Que bom foi assistir aos ensaios de dança enquanto ajudava a colar papeis na estrutura do cabeçudo. A ATA tem esta coisa extraordinária que é estarmos todos na mesma sala e estarem vários trabalhos a decorrer ao mesmo tempo sem ninguém se atropelar. Que lindas e que metódicas a Rafaela e a Matilde no treino da sua dança! E o Rui, não fez nada?: O Rui esteve sempre presente e sempre ausente. Presente na ATA a apoiar o que era preciso, e ausente noutros locais onde a sua presença fazia falta. A seguir, presente nesses locais onde a sua presença era imprescindível e ausente (temporariamente) na ATA. Não se fez o peixe para recolher lixo no desfile, mas o plano B resultou em pleno e provavelmente causou mais impacto do que causaria o peixe, porque envolveu mais gente. O Rui, com o seu habitual *fair play* arranjou uma genuína rede de pesca, oferecida por um pescador de Setúbal. O Rui, que mal conseguia disfarçar a emoção; a surpresa de se ver retratado num cabeçudo estava a transformar-se numa emoção avassaladora que o tomou de assalto. Nem conseguia agradecer à Célia e à Elisabete que tiveram a feliz lembrança de o homenagear desta forma! O Rui é [o pai] da ATA, tal como tu, (...), és [a mãe]. A magia da dança indiana: O tempo voou tão depressa que já estávamos junto aos pinheirinhos a ver a maravilhosa dança indiana da Matilde e da Rafaela. A música, a dança, a caracterização, os trajes, as flores, tudo nos transportava para a Índia. Uma dança linda, intimista, espiritual. [Quem oferece flores está sempre perfumado]. O desfile:

Pensava eu que ia ao Pinhal Novo para assistir ao FIG... (...) Afinal, também fui figurante no desfile da ATA, na sua importante e atual mensagem ecológica de despoluição dos oceanos. Em vez de ver o FIG, vivi o FIG. (...) Teatros de rua: (...) Lindo o teatro físico InSomnio! Diferente e surpreendente a forma de teatralizar pesadelos e insónias assentes numa estrutura cénica a fazer lembrar uma cama de ferro. Gostei! Depois, um outro, realista, forte, que me deu e ainda me dá que pensar, que refletir, sobre o poder, o dinheiro, a corrupção... *Papers*, para mim o melhor! O2 – [tropecei] nesta performance por mero acaso (...). Estavam em frente à igreja e parei a vê-los uns minutos(...). Gostei do que vi. Ephemeros...e se a vida durasse um só dia? Um Peça Teatral Supostamente Ephemeros...e se a vida durasse um só dia? Um Peça Teatral supostamente para crianças mas que deixou os adultos a pensar. Linda e muito envolvente. Gostei. Parecia que íamos ao circo, mas não. Foi mesmo ao teatro e com direito a chave para [abrir a porta]. Calor – uma homenagem a todos os nómadas que buscam um lugar, um lar e um pouco de calor Humano. Lindo! A dança Sufi: (...) que simboliza os valores Universais do amor e do serviço, nos corações e mentes de milhões de pessoas ao redor do Mundo. Ela simboliza a função giratória da existência. Tudo, absolutamente tudo no Universo gira. O ser humano e tudo o mais no Planeta são compostos de eletrões, prótões e neutrões que giram dentro dos átomos. Toda a energia do Universo e de tudo o que o compõe é giratória e é isso que esta dança simboliza.(...) Mais uma aprendizagem que me enriqueceu a mim também. (Helena Subtil, 2019)

O Festival Internacional de Gigantes, é para o grupo de teatro ATA um partilhar e vivenciar de experiências. O contacto que mantém com todos os intervenientes no festival, desde os artistas ao público, é uma experiência enriquecedora e é sobretudo uma forma de construir pontes e redes. É o dar-nos a conhecer conhecendo os outros.

Este é um exemplo de que as tradições também se podem inventar.

(...) elas são reações a situações novas que assumem a forma de referência a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória.(...) inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda tanto da oferta (Hobsbawn & Ranger, 2008, pp.10-13)

Que se saiba, não havia tradição nesta zona, do ritual da Queimada. Agora, e através da repetição passou, pode dizer-se, a ser já uma tradição. A ATA no dia 31 de Outubro organiza a Queimada à qual foi introduzindo novos valores que tornam este espectáculo mais inclusivo e participativo. As parcerias com outros grupos, que desde o início se verificaram com a participação dos Bardoadas, grupo de percussões, e Gaiteiros, grupo de gaitas de fole, estenderam-se aos Indiferentes, um grupo de jovens performativos de Pinhal Novo, que é o segundo ano que se juntam e colaboram com a ATA neste evento. Fazem uma *performance*, num local escolhido por eles, inserido no perímetro do evento e contribuem como ‘vizinhos’ para que o espectáculo seja mais inclusivo. Este ano 2019, também o grupo de teatro Barris, um grupo formado nas confrarias da companhia de teatro O Bando, participa com a Acção Teatral Artimanha numa *performance* nas arcadas do pátio caramelo no espaço ATA. A direcção é da Manuela Sampaio, elemento dos Barris, porque, como disse Boal na mensagem do Dia Mundial do teatro em 2009, “Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma”.

Pelo oitavo ano consecutivo, a Queimada Mystica realiza-se em Pinhal Novo. Este evento tornou-se já tão aguardado pela comunidade, que cada ano que passa, o público que participa é em maior número. É uma noite com música, dança e teatro, onde os elementos do grupo ATA em conjunto com outros elementos de outros grupos amigos e pertencentes à comunidade, praticam e fazem Arte, com e para a comunidade. “ A arte é o parque de aventuras do coração onde podemos explorar, descobrir, partilhar e tornarmo-nos quem somos, em relativa segurança, a sós e em conjunto”. (Matarasso, 2019, p.46)

Fazem uma *performance*, num local escolhido por eles, inserido no perímetro do evento e contribuem como ‘vizinhos’ para que o espectáculo seja mais inclusivo. Este ano, também o grupo de teatro Barris, um grupo formado nas confrarias da companhia de teatro O Bando, participa com a Acção Teatral Artimanha numa *performance* nas arcadas do pátio caramelo

no espaço ATA. A direcção é da Manuela Sampaio, elemento dos Barris, porque, como disse Boal na mensagem do Dia Mundial do teatro em 2009, “Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma”. Também porque entendemos que tradição não é conservadorismo, são princípios e valores que garantem consistência para ir longe.

2.4 Pedagogias culturais

Na Acção Teatral Artimanha encaramos o ensino de Teatro com uma dimensão pedagógica, pois entendemos que percebendo a educação a partir de um ponto de vista das pedagogias culturais, aprende-se teatro através das práticas e vivências teatrais que nos ensinam modos de ser e estar no mundo. O Teatro pode, e deve ser encarado como um privilegiado espaço de formação na vida dos indivíduos. Encarando o Teatro como pedagogia cultural, podemos dizer que ele contribui para ensinar os espectadores, os actores e todos os que estão envolvidos, com formas de construir identidades enquanto artistas e enquanto espectadores, pois tanto a educação como a cultura são responsáveis por processos de transformação de identidades nas comunidades.

Há cerca de nove anos, o grupo, (leia-se dirigentes), sentiu necessidade devido à procura por parte dos educadores/pais, de iniciar os jovens na Artes do Teatro e da Dança. Formou-se uma turma infantil, dos 7 aos 12 anos, a que se chamou AtaBrinca, ministrada inicialmente por um elemento que já tinha estado no grupo - Bárbara Chaveiro, e que regressou com o objectivo específico de criar uma classe para dar formação em teatro aos mais novos.

Com o crescimento destes jovens, a ATA sentiu necessidade de criar uma outra turma para as idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos, a que este grupo de jovens deu o nome de Caramelas Voadoras. Estas classes surgiram porque o grupo tem também como um dos objectivos principais, para além de responder afirmativamente à procura dos educadores/pais, promover a educação pela arte aos indivíduos da comunidade, num território educativo fora da escola, ministrando um ensino não formal. pela arte como uma actividade que promove o desenvolvimento dos saberes e competências ao nível do conhecimento, da criatividade e da

sensibilidade. Para Eugénia Vasques, na obra João Mota, o Pedagogo Teatral, a Educação pela Arte é referenciada como sendo um dos princípios básicos da educação de um indivíduo e sublinha que não admira que este seja (...) o primeiro princípio que João Mota enuncie aos seus alunos-professores(...) de que a [educação deve começar pela arte] (Vasques, 2010/2006, p. 94-95).

O teatro funciona com um carácter voluntário, mas desempenha um papel importante na formação pessoal e social destes jovens na medida em que lhes proporciona aprendizagens de competências específicas, não só no conhecimento das artes performativas, mas sobretudo na criatividade e valores humanísticos. As aulas têm como objectivo aprender técnicas que desenvolvam não apenas a linguagem teatral, mas também a capacidade criativa e imaginativa, a consciência e o pensamento crítico dos adultos que serão amanhã. Considerar a educação como vida e não apenas como uma preparação para a vida, pode parecer muito ambicioso, mas como diz Boal “O analfabetismo estético, que assola até alfabetizados em leitura e escritura, é perigoso instrumento de dominação que permite aos opressores a subliminal Invasão dos Cérebros!” (Boal, 2009, p.15). Também Brecht referindo-se á cultura afirma que "Raramente a cultura dá acesso ao Poder, mas há cultura que só se consegue adquirir através do Poder” (Brecht, 1957, p.77).

Educação e Teatro, embora com linguagens distintas, partilham entre si preocupações e perspectivas comuns, no sentido de uma melhor compreensão da experiência humana e também possibilitam um percurso de desenvolvimento mais alargado. Brecht ambicionou fazer do teatro uma das formas mais eficazes para a educação crítica e social do homem, não só nos espaços destinados aos espectáculos, mas também nas escolas. “ O teatro tem de nos ensinar a sentir os desejos e prazeres dos inventores, e, também, o triunfo dos libertadores” (Brecht, 1957, p.157).

As crianças que têm os seus primeiros contactos com a aprendizagem de forma lúdica através dos jogos, provavelmente vão ter a sorte de desenvolver um vínculo mais positivo com a educação formal, vão estar mais preparadas para lidar com os medos e frustrações inerentes ao processo de aprender.

O jogo permite explorar e desenvolver as competências comunicativas e criativas das crianças e essencialmente educar a sua sensibilidade. Os jogos teatrais oferecem as ferramentas consideradas ideais para o conhecimento e criatividade das crianças, uma vez que

são confrontadas com a necessidade de superação de desafios, assim como proporcionam também o estabelecimento de uma relação de cooperação e interajuda, para além de ser também uma técnica muito útil para trabalhar costumes e valores sociais.

Construção e produção do *self*, afinal o que é isto de criar valores, solidificar a própria personalidade? Enquanto grupo, a ATA constitui-se a partir de uma comunidade de práticas, onde se reinventa a identidade através dos mecanismos do jogo dramático, numa margem descentrada como modo de acção na vida real, conectando educação e cidadania (cf. Salgado, 2011, p.337)

2.4.1 AtaBrinca

Nesta classe as crianças têm entre 7 a 12 anos de idade. As aulas decorrem aos sábados da parte da manhã, das 10h às 12h, e desde 2016 são ministradas pelo Rui Guerreiro, director da ATA. As aulas são planeadas com recurso aos jogos de Viola Spolin, jogos tradicionais ou jogos de memória.

O objectivo principal desta pedagogia, é Educar pela Arte para que de uma forma lúdica e divertida, as crianças aprendam a ser cidadãos mais esclarecidos e atentos, a colocar em prática toda a sua criatividade de uma forma acompanhada. Aprendam a ouvir escutando, aprendam a ver olhando, e tomem contacto, praticando-a, com a arte que é fazer teatro.

Todos os anos, esta classe apresenta uma peça, com uma curta duração é certo, mas onde as crianças encaram o papel de actor de uma forma muito verdadeira e convincente. No ano de 2017 participaram no Festival de Teatro Ibérico, organizado pela Federação Portuguesa de Teatro – FPTA no decorrer do Forum de Teatro que aconteceu em Vila Nova de Foz Côa. Participam também em todas as actividades que a Acção Teatral Artimanha organiza ou onde é parceira, como é o caso, por exemplo, da Queima de Judas em Palmela, do Festival Internacional de Gigantes – FIG em Pinhal Novo.

Notamos que cada vez mais os pais estão receptivos e com muita vontade que os seus filhos contactem com as Artes mais cedo. Como a escola pública desta região não oferece

convenientemente o contacto/estudo das artes, são as associações que se substituem ao ensino oficial.

Na entrevista/conversa que tivemos com o professor Pedro Sotto Maior, como uma das metodologias para a realização deste trabalho disse-nos: - “se tiver que destacar o melhor que a ATA faz, é sem dúvida o trabalho que vocês fazem com os miúdos. Aquelas crianças, quando forem adultos serão certamente muito melhor público de teatro, ou de qualquer outra actividade artística“. Também Álvaro Amaro, presidente da Câmara Municipal de Palmela, e no mesmo contexto, entrevista para este estudo, nos falou da importância das crianças tomarem contacto com as artes logo desde cedo, tendo afirmado que actualmente a Acção Teatral Artimanha “é quase um nini conservatório de artes”.

Pedimos à Vitória, que tem 11 anos e está no grupo desde os sete anos, para nos falar do que representa para ela estar neste grupo. A Vitória Carolino quando crescer quer ser artista, e muito por isso, diz ela, precisa de frequentar, para aprender, todas as actividades que decorrem no grupo: Teatro, dança criativa e danças orientais. Agora que já tem 11 anos e já é crescida, pediu aos pais se podia ir aos ensaios de teatro dos crescidos, para, diz ela:

Aprender com os mais velhos. O teatro é uma coisa que faz parte de mim, sinto-me muito à vontade a fazer. A ser outra pessoa, a poder ser eu livremente, sinto-me muito bem com isso. O estar no teatro ajuda-me, na escola a interpretar textos principalmente a português. Os meninos, desde cedo que ouvem falar de futebol, e parece que a cabeça deles interpreta isso como se fosse a coisa que só eles têm que fazer. Eu até já conheci rapazes muito sensíveis e carinhosos (Vitória, 11 anos) .

2.4.2 Caramelas Voadoras

O nome foi escolhido e votado pelo grupo e apenas foi comunicado ao Rui Guerreiro, que na altura era o formador, já como facto consumado. À pergunta do porquê Caramelas, a resposta foi: porque somos caramelas, somos livres e queremos voar alto.

A fim de construir sua sociedade com “suas mãos”, os membros de um grupo devem possuir considerável experiência e conhecimento da coisa pública (*public administration*). Necessitam, igualmente de certas instituições que lhes permitam participar na construção de sua sociedade. Necessitam, contudo de algo mais do que

isto, necessitam de uma específica disposição mental (*frame of mind*), isto é, de certas experiências, atitudes, preconceitos e crenças, compartilhados por todos ou por uma grande maioria.” Barbu (citado em Freire, 1967, p.81)

Para esta turma, as aulas são às quartas feiras da parte da tarde, uma vez que a escola secundária não tem aulas nesse horário. Inicialmente é o Rui Guerreiro que dá as aulas ao grupo das Caramelas Voadoras, passando depois em 2018 a ser a Sara Masqueiro, um elemento da ATA. A Sara, jovem estudante do TECNICO e do ISCTE, falou com a direcção e propôs encenar com o grupo Caramelas Voadoras o texto *Felizmente há Luar* de Luís de Sttau Monteiro. A experiência correu bem, e partiram para uma outra produção, agora de cariz mais comunitário. Escreveram, individualmente, sobre assuntos que os preocupam, seja na escola, em casa, com os amigos. A Sara fez a dramaturgia e camaram-lhe *As Damas do Idiota*. O processo criativo foi muito participativo e colectivo. O texto foca essencialmente os problemas vividos e sentidos por eles , jovens, no dia a dia, na escola, em casa: O bulling, o sexo desprotegido, as primeiras saídas à noite.

A arte teatral é um rito dessacralizado que une, o mito, a narração, o logos que se faz corpo, regra de ouro do teatro. O teatro não é apenas prazer. É também cidadania. É um divertimento empenhado. Não é só racionalidade, mas também emoção. Não se ocupa apenas da formação pessoal mas também daquela social (Vengorovius e Aguiar, 2014, p. 22).

Não podemos deixar de focar a questão de género e questionarmo-nos do porquê não haver praticamente rapazes nestes grupos infantis e juvenis. É nosso entender, que estas idades, em que a personalidade e identidade dos indivíduos ainda está numa fase frágil, e em que a herança cultural tem um peso significativo, para os indivíduos do sexo masculino seja pouco atrativo pertencer a um grupo de teatro. O teatro é visto, para uma grande maioria destes jovens como uma demonstração de sensibilidade e sentimentos femininos, muito pouco másculo. A afirmação destes jovens está mais presente no jogar e ou gostar de futebol, ou outro desporto que, pensam, tem mais a ver com o sexo masculino e toda a sua masculinidade.

2.4.3 AtaDança

Esta actividade está dividida em duas: Dança criativa, ministrada pela professora Sandra Bórgia e que tem alunas dos 4 aos 20 anos. As aulas acontecem duas vezes por semana às segundas e às quartas, das 19.00h às 20.00h e Dança do ventre, ministrada pela professora Filipa Matos. As aulas acontecem uma vez por semana às terças feiras das 19.00h às 20.30h,

É uma actividade que complementa a Acção Teatral Artimanha, já que também estas classes participam nas actividades da ATA, e em algumas das produções. Com um calendário próprio, a AtaDança tem participado em festivais de dança, um pouco por todo o país. Todos os anos apresentam um espectáculo no final do ano lectivo que coincide com as comemorações do aniversário da Acção Teatral Artimanha, um no Natal e um nas Festas Populares de Pinhal Novo.

O grupo da dança criativa é constituído exclusivamente por indivíduos do sexo feminino. Questionamo-nos do porquê não haver elementos do sexo masculino e pensamos que o motivo seja o preconceito que ainda existe que ‘dança é coisa de mulher’. Existem ainda preconceitos oriundos sobretudo de ambientes que reforçam a concepção de que a dança determina preferências sexuais.

A possibilidade de criarem coreografias, diversificarem as suas práticas e experimentarem novas expressões torna-se num processo importante no âmbito da formação em dança. As actividades que envolvem improvisação, são essenciais para o desenvolvimento de formas mais sensíveis e educativas de dançar.

A dança esteve sempre presente na história da evolução da humanidade como forma de manifestação cultural. A criança movimenta-se por impulsos funcionais, mas principalmente pelo prazer de exercer os movimentos como forma de expressão de liberdade, e interacção com o meio ambiente. A prática da dança permite aos indivíduos uma melhor interacção social e um desenvolvimento rítmico.

Escreve Mia Couto no livro *O outro pé da sereia*, “Pela dança, voltamos ao ventre materno. Foi lá, nesse oculto abrigo, que libertamos o primeiro tambor e executamos os

primeiros movimentos de embalo. Foi lá que fomos peixes, fomos água, adormecida onda, incessante maré" .

III – A IDENTIDADE DO ‘CIDADÃO’ ARTIMANHA

Nesta sociedade onde tudo é descartável, tal como afirma Zygmunt Bauman, sociólogo polonês e ‘inventor’ do conceito sociedade líquida, onde as formas da vida moderna se assemelham pela vulnerabilidade e fluidez, incapazes de manter a mesma identidade por muito tempo, em que tudo é descartável e pouco duradouro, numa entrevista à revista Galileu no Brasil a propósito de migração e relacionamentos afirma que:

Ninguém é superior ou inferior a ninguém. Dependemos uns dos outros para sobreviver. (...) uma cultura nunca é superior a outra. Vivemos em um mundo multicultural. Há espaço para todos. (...) Antigamente, nossos antepassados acreditavam que a cultura dominante assimilaria a dominada, e por isso eventuais diferenças tenderiam a desaparecer. Hoje o desafio é outro: não fazer desaparecer as diferenças, mas, ao contrário, aprender a conviver com elas. Por que não podemos simplesmente viver em comunidade, cada um dando o melhor de si em prol do bem comum? (Bernardo, 2015).

Enquanto agente cultural local, a Acção Teatral Artimanha é relevante para a promoção da identidade de Pinhal Novo. Para o entendimento do que significa ser membro da comunidade e de dialogar com ela, o grupo passa a ser uma narrativa do que é esta comunidade. Contribuir para a definição do que é ser membro da comunidade, intervindo em processos locais fortalece a sua identidade como grupo fazedor de comunidades.

Ter um espaço de partilha, onde se pratica arte e conhecimento, é de alguma forma um sentimento reconfortante e muito agradável. A identidade do ‘cidadão’ Artimanha foi-se construindo através de redes , de pontes entre ‘vizinhos’ e amigos. Ao exercer com pleno direito a sua cidadania e ter voz activa na comunidade, o teatro Artimanha vai construindo e solidificando a sua identidade como membro desta comunidade, à qual todos pertencemos.

O Hugo Sovelas, encenador do grupo, acha que “Na Ata há um esforço para as pessoas estarem juntas, há sempre uma desculpa para se juntarem, nem que seja um lanche ou uma jantarada, o importante é estarem juntas”. Os indivíduos que o ‘cidadão’ Artimanha acolhe nas suas redes, sabem o que é ser membro de um grupo com uma estrutura e uma voz activa e que a comunidade reconhece.

A representação teatral converte-se numa ferramenta que utiliza o apelo à memória colectiva com um fim identitário que aponta à estabilidade e permanência dos traços que definem uma comunidade e que a diferenciam de outra.” (Fernández, 2014, p.142)

Pedro Sottomayor, na conversa que teve connosco, teve este ‘desabafo’ em relação ao grupo de teatro Artimanha:

O ATA tem uma característica que eu muito admiro: a generosidade. Muitas vezes têm sido um suporte para o trabalho dos outros grupos, quer pela vossa generosidade quer pela vossa disponibilidade, na oferta de recursos técnicos, na cedência do espaço. Seria fácil para a ATA pôr-se na vossa torre de marfim e dizer : ai, não, nós fomos os primeiros, não queremos saber de quem veio depois! E não , a vossa atitude é precisamente o contrário. Vocês tornam a vida mais fácil aos outros grupos que existem no Pinhal Novo. Eu lembro-me que connosco (Ensaiarte) vocês têm sido de uma generosidade incrível. Uma coisa importante que vocês fazem são as actividades de rua. É um trabalho importante, porque vocês levam o teatro às pessoas. Um aspecto importante do teatro é que ensina competências que não têm a ver directamente com as artes, mas são muito importantes depois no dia a dia. ensina auto-disciplina, ensina respeito pelo outro. No palco as pessoas estão todas dependentes umas das outras. Cada vez vivemos num mundo mais individualista, e o teatro é a negação disso. Quem vai para o palco ou quem está na técnica, independentemente do que os espectadores percebem, sabe que todos estão dependentes uns dos outros. E os miúdos perceberem isso, e ganharem sentido de responsabilidade uns em relação aos outros, é um outro contributo muito importante do teatro

O grupo de teatro Artimanha, como comunidade de prática que é, proporciona aos seus membros comunitários um saber, e uma partilha de memórias, que só acrescenta valor, confiança e bem estar na percepção que se tem de pertencer a um grupo onde a partilha faz parte da sua identidade.

“Esta partilha de memórias é, muitas vezes, colaborativa, porque cada um dos presentes se lembra de um detalhe, contribui para a construção de uma narrativa que se torna comum aos membros do grupo, modificando ligeiramente a memória individual inicial com os contributos do grupo” (Lima, 2018, p.17).

Se a Educação e a Cultura são responsáveis por processos de transformação de identidades nas comunidades, pensamos que a Acção Teatral Artimanha é um grupo que contribui e se identifica como sendo um transformador e um fazedor de comunidades pela resiliência que tem tido ao longo de todos estes anos da sua existência. Tempo-memória, um olhar sempre para o futuro, o que vou fazer o que posso fazer, é este, estamos certos, o pensamento do ‘cidadão’ Artimanha.

3.1 O Teatro e a Comunidade

O Teatro em Comunidade, um processo colectivo e criativo através da colaboração entre artistas e comunidades específicas com vivências e culturas comuns, num espaço geográficamente delimitado. Transformar-se para transformar, dar para receber, este é um dos processos inerentes ao Teatro Comunitário. Através do teatro contam-se histórias de vida, reavivam-se tradições, relembram-se memórias, colocam-se questões por vezes incómodas, encontram-se e transformam-se pessoas. Estamos certos que o teatro comunitário contribui para a consciencialização de grupos e cidadãos ajudando a saber ter interpretações críticas, e também, pensamos, para o próprio fortalecimento de identidades.

Márcia Nogueira descreve o conceito de Teatro e Comunidade como “ (...) uma modalidade teatral difícil de definir já que adquire diferentes formatos, ligada a diferentes instituições e finalidades” (Nogueira, 2007, p.1). Já Kershaw vê o conceito de Teatro e Comunidade como:

Sempre que o ponto de partida [de uma prática teatral] for a natureza de seu público e sua comunidade. Que a estética de suas performances for talhada pela cultura da comunidade de sua audiência. Neste sentido estas práticas podem ser categorizadas enquanto Teatro na Comunidade. (...) O conceito de Teatro e Comunidade é multifacetado, dada a natureza diversa das suas possibilidades de aplicação. Esse conceito coloca em evidência a pluralidade de intervenções em que o teatro é usado como meio de expressão, comunicação, encontro e desenvolvimento. Kershaw (citado em Nogueira, 2007).

Fazer teatro com a comunidade é também vivenciar as suas experiências, memórias, histórias, tradições, é instigar os indivíduos dessa comunidade a terem opinião crítica acerca da sua comunidade. O Teatro e Comunidade pensamos que um dos seus objectivos seja contribuir para a transformação e bem estar dos indivíduos da comunidade.

Há muito tempo que se fala do teatro comunitário como sendo um conjunto de produções teatrais executadas por não profissionais, cuja característica principal é ser uma arte de transformação social. Neste sentido sublinha-se o seu poder como

ativador do fortalecimento de identidades, tanto nos lugares onde se faz, como nos indivíduos que pertencem aos grupos de teatro (Gomez, 2014, p.7).

Os grupos de teatro comunitário são diferentes em relação aos grupos de teatro independente ou grandes companhias teatrais, essencialmente nos modos de produção. Trata-se da conjugação da não personalização dos seus membros, somada a uma estratégia colectiva de criação. Esta metodologia implica que todas as pessoas que fazem parte do grupo podem participar no processo criativo com a contribuição de vivências pessoais, histórias de vida, documentos(fotografias, cartas, recortes de diários, videos), entre outros (Fernández, 2014, p.138).⁹

Trabalhar com comunidades, remete-nos para o trabalho de campo dos antropólogos, temos que ser verdadeiros, ganhar a sua confiança e conseguir ser vistos como pertencentes à comunidade. Ganhar a confiança do grupo com que se trabalha, transmitir-lhe confiança e segurança e acima de tudo respeitar e promover todo um conjunto de acções que façam sentido e sejam diferenciadoras para essa comunidade.

Mas afinal o que é a comunidade? Para Philip Bartle o conceito de comunidade é definido como:

O conceito de comunidade não é apenas uma [construção] modelo, é uma [Construção Sociológica]. É um conjunto de interacções, comportamentos humanos com significado e expectativas entre os seus membros. Não se trata apenas de uma acção isolada, mas de um conjunto de acções que têm como base a partilha de expectativas, valores, crenças e significados entre os indivíduos” (Bartle (2011).

Cohen descreve comunidade como o lugar onde os indivíduos ganharam toda uma experiência de vida social, que inclusivé ultrapassa as relações de parentesco.

Comunidade não se define apenas em termos de localidade.](...) É a entidade à qual as pessoas pertencem, maior que as relações de parentesco, mas mais imediata do que a abstração a que chamamos de [sociedade.] É a arena onde as pessoas adquirem suas experiências mais fundamentais e substanciais da vida social, fora dos limites do lar. Cohen (citado em Nogueira, 2007).

Kershaw, identifica dois tipos de comunidade: a comunidade local, a que tem relacionamentos próximos e: a comunidade de interesse, aqueles cujos interesses são comuns.

⁹ Tradução minha

De salientar que uma comunidade é constituída por pessoas com proximidade, seja geográfica, seja ideológica.

Toda a comunidade é parecida no que diz respeito às diferenças internas que abriga e ao papel de mediação que assume entre o indivíduo e a sociedade. (...) Kershaw cita dois tipos de comunidade: [Comunidade de local] é criada por uma rede de relacionamentos formados por interações face a face, numa área delimitada geograficamente. [Comunidade de interesse], como a frase sugere, é formada por uma rede de associações que são predominantemente caracterizadas por seu comprometimento em relação a um interesse comum. Quer dizer que estas comunidades podem não estar delimitadas por uma área geográfica particular. Quer dizer também que comunidades de interesse tendem a ser explicitas ideologicamente, de forma a que mesmo se seus membros venham de áreas geográficas diferentes, eles podem de forma relativamente fácil reconhecer sua identidade comum”. Kershaw (citado em Nogueira, 2007)

Entendendo desta forma o conceito de comunidade, vejamos agora o conceito de Teatro na Comunidade. Nogueira propõe os seguintes modelos: de acordo com aqueles que produzem o teatro na comunidade podemos diferenciar entre os seguintes modelos propostos por Marcia Pompeo Nogueira : Teatro para Comunidades, Teatro com Comunidades e Teatro por Comunidades.

Teatro feito para a Comunidade é aquele que é feito por indivíduos fora da comunidade e com uma aborgagem ‘de cima para baixo’ não se conhecendo porém a realidade do público a quem é destinado. Teatro com Comunidades implica a investigação e o conhecimento prévio da comunidade para a criação do espectáculo. Teatro feito por Comunidades é aquele que coloca os indivíduos da comunidade no centro do espectáculo. O Teatro feito por Comunidades foi muito influenciado por Augusto Boal. Ele propõe que o indivíduo seja o sujeito da acção, que participe no processo de criação e coloque em cena a sua voz e a da sua comunidade. O Teatro feito por Comunidades tem como objectivo a valorização da história e a sua própria existência assim como dos indivíduos que fazem parte dela. Nogueira destaca também a importância da parte estética e ética do Teatro na Comunidade e fala da pedagogia de Paulo Freire que se baseia no diálogo e no respeito pelo outro. (Nogueira, 2009, c.f. pp. 172-176)

O processo de criação teatral é pensado para, e em função dos indivíduos da comunidade que são também os actores. No teatro comunitário valoriza-se o trabalho em equipa, o grupo, o colectivo. Promove-se a inteligência emocional, e uma forte união nas pessoas. O teatro é um espaço de socialização, onde a comunidade expressa emoções e criatividade e é também um instrumento poderoso de inclusão social.

Para Marcela Bidegain, o Teatro Comunitário surge da necessidade que as pessoas têm de se juntar para fazer arte, porque afinal a Arte é um direito de todos os indivíduos.

“O teatro comunitário surge como uma necessidade de um grupo de pessoas de uma determinada região, bairro ou população para conhecer, agrupar e comunicar-se através do teatro. É um tipo de manifestação e expressão artística que parte da premissa de que a arte é um direito de todo o cidadão e que, como a saúde, alimentação e educação, deve estar entre as suas prioridades. Por esse motivo, ele propõe à comunidade assumi-la e como tal não delegá-la a outras pessoas” (Bidegain, 2007, p.33) ¹⁰

CONCLUSÃO

Acreditamos que enquanto agente cultural local, a Acção Teatral Artimanha é também relevante para a promoção da identidade de Pinhal Novo. Para o entendimento do que significa ser membro da comunidade e de dialogar com ela, o grupo passa a ser uma narrativa

¹⁰ Tradução minha

do que é esta comunidade. Contribuí para a definição do que é ser membro da comunidade, intervindo em processos locais, como é o caso da feira medieval, do mercado caramelo, das festas populares, do Festival Internacional de Gigantes – FIG, da Queima de Judas, da Queimada Mystica e de outros para os quais é solicitado a intervir, seja pelos amigos, seja pelas comunidades de ‘vizinhos’, seja pela autarquia.

O que move e motiva estes indivíduos que se sentem pertença deste grupo, pensamos ser a paixão pelas artes, sobretudo pelo teatro. É sentir-se membro de um grupo de teatro que está inserido numa sociedade onde o associativismo e corporativismo estão enraizados social e culturalmente. Estes indivíduos, que sentem uma grande vontade de fazer coisas, de influenciar e contagiar quem os rodeia, são alguém com vontade de partilhar ideias, ocupar espaços vazios, fazedores de cultura, e para quem a influência local é de uma significância demasiado importante para se menosprezar e considerar como coisa menor.

O grupo de teatro Artimanha tem esta função de trabalhar em várias camadas: Associativismo, cooperativismo, político e comunidade de práticas associada a processos de formação artística. Como é que a comunidade vê o grupo? Quem vê o grupo? Neste contexto como é o grupo de teatro reconhecido? A estas interrogações, pensamos que demos respostas ao longo de todo este trabalho que fizemos com a Acção Teatral Artimanha. À pergunta de como a comunidade vê o grupo, através dos testemunhos que recolhemos em resposta às entrevistas com o modelo de foto-elicitação e entrevistas semidirectivas, pensamos poder afirmar, que o grupo Artimanha é visto na comunidade como uma estrutura que trabalha para e com a comunidade, um grupo inclusivo, um grupo reconhecido pelo trabalho que faz em prol da educação com as classes mais jovens, 6 aos 12 anos e 13 aos 17 anos. Veja-se a afirmação que alguns indivíduos que falaram connosco pensam, como por exemplo o professor Pedro Sottomayor quando diz que se tivesse que escolher o que de mais importante faz o grupo de teatro Artimanha não teria dúvidas em eleger “o trabalho que vocês fazem com os miúdos, que é absolutamente incrível e fantástico”, assim como o senhor Presidente da Câmara Municipal de Palmela quando afirma que “neste momento a ATA é quase um mini conservatório das Artes”.

Também no que diz respeito à voz dos públicos, e baseando-nos em conversas após os espectáculos e em mensagens que chegam ao grupo, achamos que o grupo de teatro contribui para a alteração da comunidade, através das suas práticas artísticas, da forma como participa activamente com e na comunidade, de como cria laços e redes de

contactos, como pensamos que ficou bem visível ao longo deste trabalho. Vejamos por exemplo algumas das observações que o público fez em relação à produção *Conversas Outrora Não Admitidas*: Não sabia que no Pinhal Novo havia um grupo de teatro que fazia teatro assim; - O título leva inicialmente para o campo sexual que pensei demasiado vulgar, e afinal, falam de um tema tão importante. A violência doméstica, a igualdade de género, os direitos das mulheres; - Como é que, de uma forma tão natural e séria, vocês abordam estes temas tão importantes para as mulheres? - Vou dizer às minhas amigas que têm que obrigatoriamente ver esta peça; - O tema abordado é muito importante para o género feminino, todas as mulheres deviam ver.

Sabemos que não se pode olhar para o passado com as lentes do presente, mas pensamos que estes testemunhos e tantos outros que nos chegam são um grande contributo para que o grupo se sinta perfeitamente integrado nesta comunidade, sentindo que é e faz parte dela, desta comunidade que afinal somos todos nós. “O uso das técnicas teatrais na vida quotidiana suporta a continuidade social” (Goffman, 1993).

O teatro de amadores, é partilha de experiências e vivências que são complementares à estética. Há por um lado o esforço das vivências, mas há uma formação de estéticas elementares. A estrutura deste grupo, não tem como objectivo a mercadização da arte , prática que sempre se evitou, existe uma menção emocional de estrutura do *self*, de aquisição de competências e solidariedade e acima de tudo uma criação de redes de proximidade e amizade, que ultrapassa a dimensão da estética teatral. Trata-se de um modo de vida em que já não é só o teatro que alimenta esse modelo. A comunidade passamos a ser nós, o próprio grupo, no sentido de ser um agente de criação de laços, locais, vizinhança, não no sentido de família consanguínea, mas no sentido de *communitas*, um espaço de semelhantes. O teatro de amadores agita o rizoma local de relações e laços. As produções da ATA estão muito assentes nas comunidades de pertença. O carro, a casa, a quotização, os próprios recursos pessoais dos indivíduos que pertencem ao grupo. O grupo de teatro soube rodear-se de ‘vizinhos’ e soube criar redes, às quais recorre com alguma frequência. Um grupo não nasce grupo, constitui-se a partir de relações, afinidades, vivências e principalmente do tempo partilhado

Através do teatro e comunidade, no campo do teatro de amadores, estabelecem-se laços que estimulam as comunidades no campo da afectividade; os afetos neste género de teatro são primordiais e um contributo essencial. Podemos considerar o teatro de amadores como comunidades de prática, onde as pessoas partilham valores, interesses e éticas comuns.

Uma das principais funções da nossa arte é tornar conscientes esses espetáculos da vida diária onde os atores são os próprios espectadores, o palco é a platéia e a platéia, o palco. Somos todos artistas: fazendo teatro, aprendemos a ver aquilo que nos salta aos olhos, mas que somos incapazes de ver, tão habituados estamos apenas a olhar. O que nos é familiar torna-se invisível: fazer teatro, ao contrário, ilumina o palco da nossa vida cotidiana" (Boal, 2009)

Afinal o que é a arte? Onde acaba o espaço de entretenimento para começar a arte? A arte tem que nos dar obrigatoriamente uma abertura densa, que nos proporcione o exercício doloroso do pensamento, que é o caminho para o belo.

Dos que VIERAM,

dos que ESTÃO

A vitalidade do Teatro Artimanha, e daí o tributo que lhe devem as sucessivas gerações do Pinhal Novo e do Concelho de Palmela, é ter-se sabido regenerar, agregando à sua volta uma pequena multidão de jovens, entusiasmados pelo teatro, para a qual, a instituição A.T.A. só pode ter uma atitude. Sejam bem vindos, encontraremos soluções, para que todos aqueles que assim quiserem, independentemente da sua idade ou experiência de palco, se possam exprimir artisticamente através do teatro (Horácio, 2006)

Bibliografia:

- Aristóteles. (2018). *Poética*. Valente, A.M (trad.). Pereira, M.H.R. (pref.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Boal, A. (2009). *A estética do oprimido: reflexões errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Barba, E. (1991). *Além das ilhas flutuantes*. São Paulo - Campinas: Hucitec.
- Bernet, J. (2004). Conceito, exame e universo da animação sociocultural. In Trilla, J. (coord.). *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bidegain, M. (2007). *Teatro comunitário: resistência y transformación social*. Buenos Aires: Atuel.
- Brecht, B. (1957). *Estudos sobre teatro para uma arte dramática não - aristotélica*. Fiamma, H. P. B. (trad.). Lisboa: Portugália Editora.
- Castellano, C.G. & Raposo, P. (org.). (2019). *Textos para uma história da arte socialmente comprometida*. Lisboa: Documenta.
- Couto, M. (2013). *O outro pé da sereia*. Lisboa: Caminho
- Fernández, C. (2014). Idntidades, memorias y espacios en las prácticas del grupo de teatro popular de sansinena. In Salinas, R. S. (coord.), *El movimiento teatral comunitario argentino* (p.141). Buenos Aires: Ediciones del CCC Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini
- Freire, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Freire, P. (1986). *Pedagogia da autonomia, saberes necessários a prática educativa*. Coleção leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Foucault, M. (1978). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- Fukuyama, F. (2018). *Identidades: a exigência de dignidade e a política do ressentimento*. Lisboa: D.Quixote.
- Goffman, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio D'Água.

- Gomez, L.P. (2014). Prólogo. In Salinas, R. S. (coord.), *El movimiento teatral comunitário argentino* (p.7). Buenos Aires: Ediciones del CCC Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini.
- Hobsbawn, E., Ranger, T. (Org.). (2008). *A invenção das tradições*. (6ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lave, J. e Wenger, E. (1991). *Situated learning – Legitimate peripheral participation*. 1ª. New York: Cambridge University Press.
- Lima, M.L.P. (2018). *Nós e os outros: o poder dos laços sociais*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Matarasso, F. (2019). *Uma arte irrequieta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, O. & Lisboa, J.R. (1998). *As transformações do povoamento e das culturas na área de pinhal novo*. Coleção Origens e destinos. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo.
- Sansi, R. R. (2019). Participação e dávida. In Castellano, C.G., & Raposo, P. (org.). (2019). *Textos para uma história da arte socialmente comprometida* (p.101). Lisboa: Documenta.
- Sarrazac, J.P. (2016). *Vou ao teatro ver o mundo*. Silva, A.M.(trad.). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Schechner, R. (2018). *Performance e Antropologia*. Ligiéro.Z, (org.). São Paulo: Mauad
- SILVA, Soell Batista, (2011). *Jogos e brincadeiras: contribuindo para o desenvolvimento das habilidades psicomotoras através da atividade lúdica*. In. “Revista Anais” vol 1, outubro. Brasil. Seminário PIBID UNEMAT, pág. 20-24.
- Spolin, V. (1999). *O jogo teatral no livro do diretor*. São Paulo: Perspectiva.
- Vasques, E. (2010). *João mota, o pedagogo teatral: Metodologia e criação*. Lisboa: Colibri.
- Vengorovius, R., Aguiar, R. (orgs.). (2014). *Teatro e comunidade projeto de investigação com séniores*. Amadora: Câmara Mncipal da Amadora

Documentos Electrónicos:

Bartle, P. (2011). O que é comunidade? Uma Perspectiva Sociológica. Sofia F. Fernandes (trad.). Acedido em 20 de Agosto 2019, em: <http://cec.vcn.bc.ca/mpfc/whatcomp.htm>

Bernardo, A. (2015, Novembro 19). *Zygmunt Bauman fala sobre migração e relacionamentos*. Revista Galileu. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/11/solido-como-uma-pedra-aos-90-anos-zygmunt-bauman-fala-sobre-migracao-e-relacionamentos.html>

Boal, A. (2009). *Mensagem escrita por Augusto Boal por ocasião do dia mundial do teatro, divulgada no site do international theatre institut*. Disponível em: <http://acervoaugustoboal.com.br/dia-mundial-do-teatro>

Boal, A. (2013). Brecht e, modestamente, eu! Disponível em: <https://institutoaugustoboal.org/2013/06/13/brecht-e-modestamente-eu/> (acedido a 2 de Julho de 2019)

Cultura (2013). Setúbal homenageia Manel Bola. In Sítio oficial da Câmara Municipal de Setúbal. Acedido em 12 de Setembro 2019, em : <https://www.mun-setubal.pt/setubal-homenageia-manel-bola/>

Costa, C.S. (2012). *O teatro. Espaço de encontro de uma comunidade* (Dissertação de Mestrado). Disponível no RCAAP: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/2335>

Economias. (2015). Contrato de Comodato. In. Legislação. Disponível em: <https://www.economias.pt/contrato-de-comodato/>

Harper, D. (2002). *Talking about pictures: a case for photo elicitation*. Visual studies. v. 17, n.1, 13-26. Disponível em: <https://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/harper.pdf>

História. (2018) in Junta de freguesia de pinhal novo. Disponível em: <https://www.juntapinhalnovo.pt/historia/>

Mendonça, J.R.C. e Viana, M.F.T. (2007). *Entrevista com foto-elicitação (EFE): o uso de métodos visuais para o estudo do ambiente físico nas organizações*. I Encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade. Recife/PE: ENEPQ. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ENEPQ367.pdf>

Nogueira, M. P. (2007). Tentando definir o teatro na comunidade. Anais Abrace: Revista IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, v.8, n.1, 1-4. Disponível em:

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/search/search?query=Marcia+Pompeo&authors=&title=&abstract=&galleyFullText=&suppFiles=&dateFromMonth=&dateFromDay=&dateFromYear=&dateToMonth=&dateToDay=&dateToYear=&dateToHour=23&dateToMinute=59&dateToSecond=59&discipline=&subject=&type=&coverage=&indexTerms=>

Nogueira, M.P. (2009). Teatro e comunidade. In Telles, N. & Florentino, A. (orgs.) Cartografias do ensino de teatro. Uberlândia: Edufu. Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-Book_cartografias_do_teatro_2009_0.pdf

Pessoa, C. (2009). Acedido em 7 de Setembro 2019, em: <https://www.facebook.com/carlos.pessoa.140>


Salgado, R. S. (2011). *A política do jogo dramático* (Tese de Doutorado). Disponível no repositório científico do ISCTE-IUL em :<http://hdl.handle.net/10071/7016>

Seme Lufti teatro/artes visuais. (2019). In enciclopédia itaú cultural de arte e cultura brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural. Acedido em 21 de Agosto em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa219612/semi-lufti>

ANEXOS

Anexo I – Declaração do Orientador Professor Doutor:

Armando Nascimento Rosa

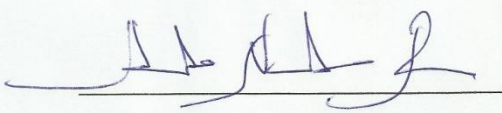


PARECER / DECLARAÇÃO DO ORIENTADOR
(Para efeitos de requerimento de provas de mestrado)

Armando Nascimento Rosa [nome do docente],
declaro que o/a Dissertação * do Mestrado em Teatro,
especialização em Teatro e Comunidade, apresentado/a pelo/a
mestrando/a Ana da Anunciação Silva Martins Guerreiro,
reúne as condições de admissibilidade para a defesa em provas públicas.

ESTC, 30 de Outubro de 20 19

Assinatura do docente



* Dissertação Trabalho de Projeto Estádio